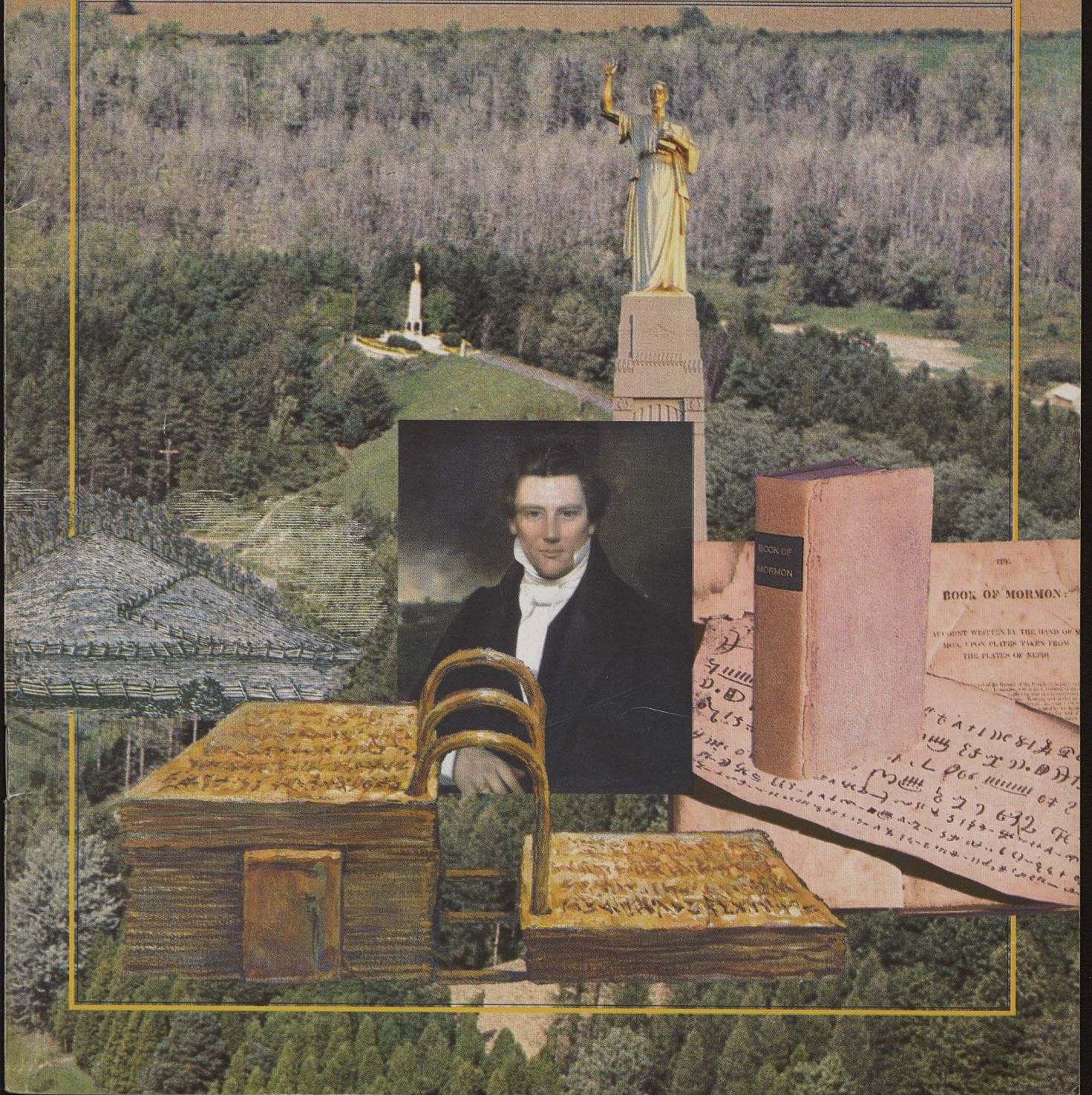


A LIAHONA

JUNHODE 1988



A LIAHONA

Junho de 1988 Volume 41 nº 6
PBMA8806PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Ann Laemmlen

Editor Assistente e Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: O milagre do Livro de Mórmon, revelado a um jovem por meio de uma visitação anjélica, as placas de ouro, contendo "um outro testamento de Jesus Cristo", retiradas do Monte Cumorah, e a orientação divina na tradução e publicação da mensagem para o mundo. Ver artigos sobre o Livro de Mórmon nesta edição. ("Impressão do Primeiro Livro de Mórmon", pintura de Gary E. Smith; retrato de Joseph Smith reproduzido com permissão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Reorganizada, Sede Mundial, Independence, Missouri.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cz\$ 530,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cz\$ 50,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Forolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: TEMOS UM TRABALHO A FAZER

Presidente Gordon B. Hinckley

9 AS PEQUENAS COISAS SÃO IMPORTANTES Élder Joseph B. Wirthlin

11 O CONVERSO IMPROVÁVEL: DANIEL WEBSTER JONES Jack McAllister

14 NÃO QUEIMAREI O LIVRO Don Vincenzo Di Francesca

19 REFLEXÕES: A VERDADE ABSOLUTA Presidente Spencer W. Kimball

20 COMO TORNAR-SE UM MEMBRO MISSIONÁRIO Carol Wagner Tuttle

23 PERGUNTAS E RESPOSTAS: PORQUE OS NEFITAS ORARAM A JESUS

Beth T. Spackman

24 REFLEXÕES: TREPadeiras Larry Hiller

25 POR QUE PEDIMOS ÀS PESSOAS QUE LEIAM O LIVRO DE MÓRMON

Jay E. Jensen

29 TEM DE HAVER FÉ Arthur R. Bassett

36 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "A CARIDADE NÃO BUSCA SEUS INTERESSES"

37 O LIVRO DE MÓRMON E A FAMÍLIA DE HOJE Darwin L. Thomas

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

41 "SE EU NÃO FOSSE MÓRMON" Leeanne Askew

43 DEUS DÁ O CRESCIMENTO Michael Call

47 É SÓ ATRAVESSAR A RUA Vivian Harmer

SEÇÃO INFANTIL

2. O FESTIVAL DAS ESTRELAS

Margaret Knights Hultsch

6 TEMPO DE COMPARTILHAR:

HELAMÁ E OS DOIS MIL JOVENS DE FÉ

Pat Graham

8 SÓ PARA DIVERTIR:

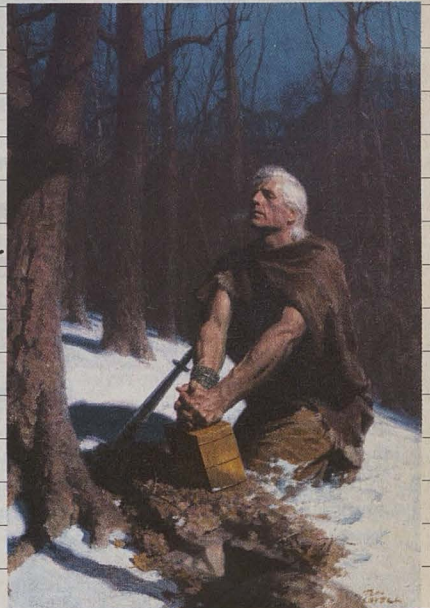
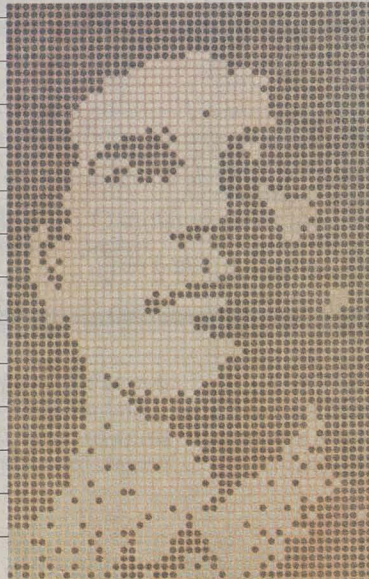
QUEBRA-CABEÇA Rich Latta



神叫他成長



Daniel Webster Jones



TEMOS UM TRABALHO A FAZER

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Desejo convidar os membros da Igreja a pensarem novamente no grande mandamento dado pelo Senhor a todos aqueles que desejam ser conhecidos como seus discípulos. É um mandamento que não podemos ignorar, e do qual não nos podemos afastar. É o mandamento de ensinar o evangelho às nações e povos da terra.

Esta foi a instrução final dada pelo Senhor após sua ressurreição e antes de sua ascensão. Foi repetida no início desta dispensação. Após a organização do primeiro Quorum dos Doze em 1835, Oliver Cowdery, conselheiro na Primeira Presidência, deu um encargo às Autoridades Gerais. Essa declaração tornou-se uma espécie de “carta magna” para todos os membros dos doze que sucederam esse primeiro grupo. Nela acha-se este conselho:

“Sede zelosos no que diz respeito a salvar almas. A alma de um homem é tão preciosa quanto a alma de qualquer outro... O evangelho precisa rolar adiante até encher toda a terra... Tendes um trabalho a fazer que nenhuma outra pessoa pode fazer; tendes de proclamar o evangelho em sua simplicidade e pureza; e nós vos recomendamos a Deus e à palavra de sua graça.”



“**S**ede zelosos no que diz respeito a salvar almas. A alma de um homem é tão preciosa quanto a alma de qualquer outro. O evangelho precisa rolar adiante até encher toda a terra.”

(*History of the Church*, 2:196-198.)

Após esse conselho, o Senhor deu a revelação conhecida como seção 112 de Doutrina e Convênios, dirigida aos Doze. Nela diz:

“Contende tu, portanto, de manhã em manhã, que a tua voz prossiga em advertência dia após dia; e quando vier a noite, pela tua palavra, não permitas adormecerem os habitantes da terra...

... e estarei contigo; e em todo lugar que proclamares o meu nome, ser-te-á aberta uma porta eficaz, para que recebam a minha palavra.” (D&C 112:5, 19.)

“Um Homem Pesado de Língua”

Na época do início da Igreja, enviaram-se missionários a outros estados, ao Canadá e, em 1837 além-mar para a Inglaterra. Foi no Templo de Kirtland que o Profeta Joseph Smith disse ao Élder Heber C. Kimball: “Irmão Heber, o espírito do Senhor sussurrou-me: “Que meu servo Heber vá à Inglaterra e proclame meu evangelho e abra a

porta da salvação para aquela nação.”

Embora fosse um homem de fé, o Élder Kimball tinha receio de que lhe faltasse a habilidade para pregar. Humildemente, disse:

“Ó, Senhor, sou um homem pesado de língua, e completamente inapto para um trabalho como esse; como posso ir pregar naquela terra tão famosa em toda a cristandade por sua cultura, conhecimento e devoção, um berço de religião, e para um povo cuja inteligência é muito conhecida!” (Citado por Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1945, p. 104.)

Mas ele e seus companheiros foram para a Inglaterra. Embora o idioma que lá encontraram fosse essencialmente o mesmo que o deles, os costumes do povo eram diferentes. No entanto, deram pouca atenção a isso. Sua mensagem era o evangelho da salvação. Falaram sobre muito pouco além disso. E a história presta um notável testemunho do sucesso de seu trabalho. Nos anos seguintes a mensagem do evangelho restaurado foi levada às ilhas do mar, onde encontraram culturas inteiramente novas e singulares. Foi assim nas terras da Europa com novas línguas a serem aprendidas e novos costumes com os quais lidar.

Depois que os santos foram para o Oeste, embora obrigados a enfrentar a enorme tarefa de conquistar o deserto e formar um estado, não diminuíram seus esforços de levar o evangelho às nações da terra. Na conferência realizada em 1852, foram chamados homens da congregação para irem não só às terras da Europa, mas para a China e Sião (agora Tailândia). É comovente notar que, naqueles dias pioneiros, foram enviados missionários à Índia, onde hoje, depois de muitos anos, estamos plantando novamente as sementes do evangelho.

A Audácia dos Pioneiros

Maravilho-me com a audácia — ou melhor, prefiro caracterizá-la como fé — dos líderes e membros da Igreja naquela era dos pioneiros, de conseguirem, com o número relativamente pequeno de seus membros e recursos limitados, levar o evangelho a terras distantes. Não se pode ler o relato do Élder Parley P. Pratt a respeito de suas viagens ao Chile, sem reconhecer com gratidão a coragem e fé que possuíam aqueles primeiros missionários, que encararam com tal seriedade o

encargo do Senhor de levar o evangelho às nações da terra.

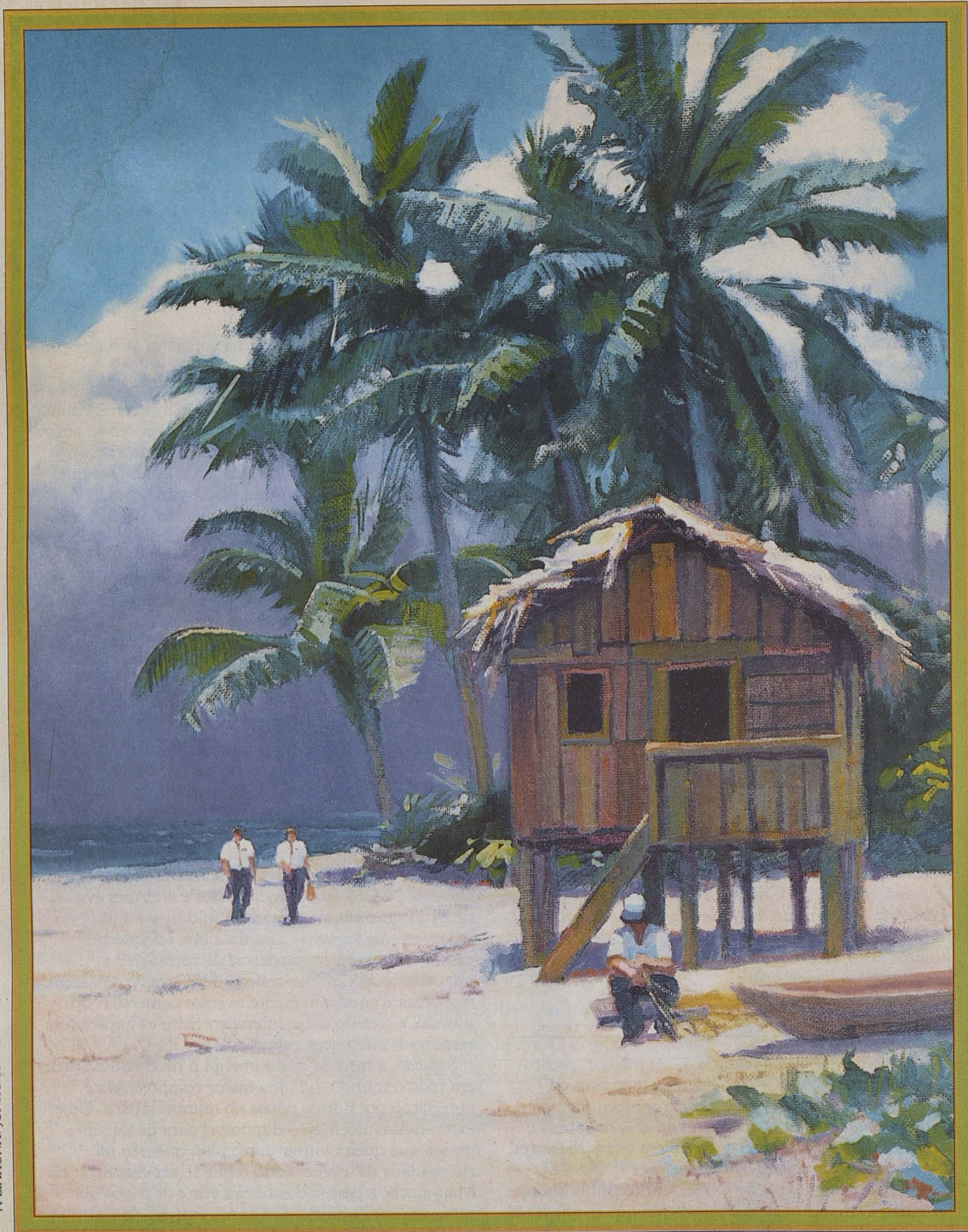
Suas longas viagens além-mar foram feitas em condições extremamente difíceis. Quando chegavam à nação que lhes fora designada, não havia um só amigo nem companheiro para recebê-los. Não tinham nenhuma instrução prévia quanto às condições que encontrariam, nenhum conhecimento da língua dos povos com os quais teriam de trabalhar. Muitos deles adoeciam enquanto seus corpos procuravam adaptar-se à comida e outras condições de vida. Mas estavam imbuídos do espírito missionário, inspirados pelo encargo de levar o evangelho da salvação aos povos da terra. As culturas que encontraram trouxeram-lhes desafios, mas estes eram de pouca importância diante de sua responsabilidade maior.

Um Mundo que Se Torna “Menor”

Pensai em como as condições mudaram desde a metade do século dezenove até hoje, tornando mais fácil levar o evangelho a todo o mundo.

Primeiro, ficou claro para todos o fato de que vivemos em um mundo que se está tornando “menor” devido aos modernos meios de transporte. Costumava-se levar semanas, até mesmo meses, para atravessar o Oceano Pacífico. Hoje voamos em luxuosos e enormes aviões, de São Francisco, nos Estados Unidos, a Tóquio, no Japão, em dez horas — com uma boa refeição no caminho. Não podemos deixar de considerar a importância do intenso tráfego de aviões de passageiros que cruzam constantemente as rotas comerciais do mundo, e o efeito dessa interação entre as nações com respeito às diferenças culturais.

Segundo, à medida que aumenta o nível educacional em todo o mundo, há uma maior compreensão e apreciação por outros povos no mundo inteiro. Hoje existe tanta informação disponível para qualquer pessoa que queira visitar outro país, que não há necessidade de ir ignorando o que se vai encontrar lá. Mais ainda, a pessoa descobrirá entre os povos que visita um conhecimento bastante extenso da cultura da qual provém. Não importa onde moramos, as



4 A LIAHONA/JUNHO 88

Mark Buehner

V

tran.
inter

tr
n
D
le
co
N
á
P
to



C

Vivemos em um mundo que se está tomando
"menor" devido aos modernos meios de
transporte. Não podemos deixar de considerar essa
interação entre as nações.

transmissões internacionais e os grandes serviços de notícias do mundo trazem Paris, França, Washington D.C. e Pretória, África do Sul, para dentro de nossos lares. Quase instantaneamente, tomamos conhecimento de acontecimentos significativos em Nova Délhi, Índia, Buenos Aires, Argentina, e outras áreas do mundo.

Terceiro, cresce o conhecimento de línguas entre os povos da terra. Não só o inglês é falado em quase todos os lugares nas cidades mais importantes, como

também nossos missionários partem para o campo com razoável capacidade de pregar a mensagem do evangelho na língua do país para o qual são designados. Um passo gigantesco no ensino do evangelho em todo o mundo foi o estabelecimento de centros de treinamento lingüístico da Igreja. Esses centros, e o treinamento que oferecem, são insuperáveis em qualquer parte do mundo.

Outro fator que abençoa consideravelmente os missionários para que possam ser produtivos em seu



Os missionários, em todo o mundo, são abençoados pela orientação dos presidentes de missão e suas esposas, que levam, em seus chamados, uma rica experiência na liderança da Igreja.

trabalho sagrado, é a qualidade dos homens que presidem as missões. Os que servem nesses cargos não são novatos; eles e suas esposas são pessoas maduras, de larga experiência. Agem como líderes e conselheiros, ensinando os jovens missionários e aconselhando os casais mais velhos que chegam à missão, protegendo-os das armadilhas nas quais poderiam tropeçar.

Maior Compreensão

Finalmente, noto o espantoso aumento de compreensão em muitas partes da terra quanto àquilo que nos une a todos como filhos de nosso Pai Celestial. As pessoas que estão num lado do globo, em minha opinião, se parecem muito e agem de maneira semelhante às que vejo em outras partes. Isto quer dizer que as pessoas são essencialmente as mesmas, embora suas culturas possam ser diferentes. Por exemplo, penso em denominadores comuns, encontrados entre todos os povos, como: o amor entre marido e mulher; o amor entre pais e filhos; a apreciação pelo belo, seja qual for a forma em que é encontrado; a preocupação com o sofrimento; o reconhecimento da liderança; o reconhecimento de um poder mais alto, ao qual podemos suplicar ajuda e que tem poder para julgar-nos; a consciência onipresente; e a percepção do certo e do errado.

Anos atrás, perguntaram-me se as palestras missionárias que usamos nos chamados países não-cristãos são de alguma forma diferentes daquelas que empregamos nos países cristãos. Respondi que usamos basicamente as mesmas lições, porque ensinamos o mesmo tipo de pessoas, cujos corações são tocados pelas mesmas verdades eternas. Homens e mulheres em todo o mundo respondem aos mesmos estímulos essencialmente da mesma forma. Eles buscam calor, quando estão com frio; conhecem o mesmo tipo de dor; sentem tristeza, e conhecem a alegria. E em toda parte, as pessoas buscam um poder superior. Podem chamá-lo de vários nomes, e descrevê-lo de várias maneiras; mas estão conscientes de sua existência e recorrem a ele em busca de uma força superior à sua.

“São Edificados e Juntos Se Alegram”

Quando diferenças — seja com nossos vizinhos ou em outras culturas — parecem ser obstáculos quando procuramos compartilhar o evangelho, uma serena cortesia geralmente remove essas dificuldades. Quando guardamos o mandamento do Senhor de levar o evangelho a outras pessoas, testifico que o Espírito do Senhor ajuda a vencer as diferenças entre o que está ensinando e aquele que está sendo ensinado. O Senhor tornou o processo claro, quando disse: “Portanto, aquele que prega (pelo Espírito) e aquele que recebe (pelo Espírito), se compreendem um ao outro, e ambos são edificados e juntos se alegram.” (D&C 50:22.)

Estou convencido de que o recurso mais eficiente de que cada um de nós dispõe em nosso chamado de compartilhar o evangelho, é o Espírito do Senhor. Todos o temos visto operar nas outras pessoas. Ao fazermos o trabalho do Senhor, também o sentimos em nós mesmos. Nessas ocasiões, as diferenças superficiais entre nós e aqueles que ensinamos parecem cair como escamas de nossos olhos. Surge um sentimento de integração e entendimento que é maravilhoso de observar. Literalmente nos compreendemos um ao outro, e literalmente somos edificados e juntos nos alegramos.

Estamos, verdadeiramente, empenhados numa obra maravilhosa e um assombro. Temos agora duzentas e onze missões na Igreja e mais de trinta e cinco mil missionários no campo. Estamos em terras da América do Norte, Central e do Sul, em todos os países deste lado da Cortina de Ferro na Europa, e em muitas nações da Ásia, e nas ilhas do Pacífico. E agora o evangelho restaurado está sendo levado a outras terras ainda. Os resultados são maravilhosos de se observar. Independente da nação em que se encontrem, os santos dos últimos dias falam com a mesma voz e prestam testemunho das mesmas verdades eternas, e com o mesmo fervor de espírito. O custo tem sido alto em termos de sacrifício, devoção e trabalho. Mas os resultados são um milagre a ser testemunhado.

O Senhor Abrirá o Caminho

Bem, no futuro nos aguardam desafios ainda maiores. Não se pode pensar em centenas de milhões que nunca ouviram falar dessa obra, sem imaginar como conseguir cumprir algum dia nosso encargo de pregar a toda a humanidade. Existem nações nas quais, no presente, não podemos entrar legalmente. Honramos e obedecemos às leis dessas nações. Mas, se formos atentos e pacientes, o Senhor abrirá o caminho na ocasião apropriada. O cronograma é dele. Enquanto isso, há muito a ser feito com aqueles que estão bem à nossa volta. Ao nos esforçarmos e orarmos humildemente por inspiração, seremos abençoados em nosso desejo de compartilhar o evangelho com nossos familiares, vizinhos e conhecidos.

O progresso da Igreja em nossos dias é verdadeiramente assombroso. O Deus dos céus realizou esse milagre nos últimos dias, e o que vimos é apenas um antegozo de coisas maiores que ainda estão por vir. O trabalho será realizado por homens e mulheres humildes, jovens e velhos, que o farão porque acreditam na palavra do Senhor, quando disse:

“E qualquer homem que for pregar este evangelho do reino e for fiel em todas as coisas, não sentirá obscurecida sua mente, nem cansada, nem seu corpo, membros e juntas. E não cairá despercebido à terra um único cabelo da sua cabeça. E não sofrerá fome nem sede.” (D&C 84:80.)

O trabalho terá sucesso, porque foi o Senhor quem prometeu:

“E onde vos receberem, aí estarei também, pois irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o meu Espírito estará em vossos corações, e os meus anjos ao vosso redor, para vos suster.” (D&C 84:88.)

Com o encargo dado por Deus, com bênçãos prometidas divinamente, sigamos avante com fé. Se assim fizermos, o Senhor abençoará nossos esforços. Façamos a nossa parte quanto a compartilhar o evangelho com aqueles que estão à nossa volta, primeiro pelo exemplo, depois por preceito inspirado.

A pedra cortada da montanha sem mão continuará a rolar adiante até haver enchido toda a terra. (Vide Daniel 2.) Presto-vos testemunho dessa verdade e da veracidade do fato de que cada um de nós pode ajudar da maneira condizente com nossas circunstâncias, se buscarmos a orientação e inspiração de nosso Pai Celestial. O que fazemos é a obra do Senhor e, com a sua bênção, não falharemos. □

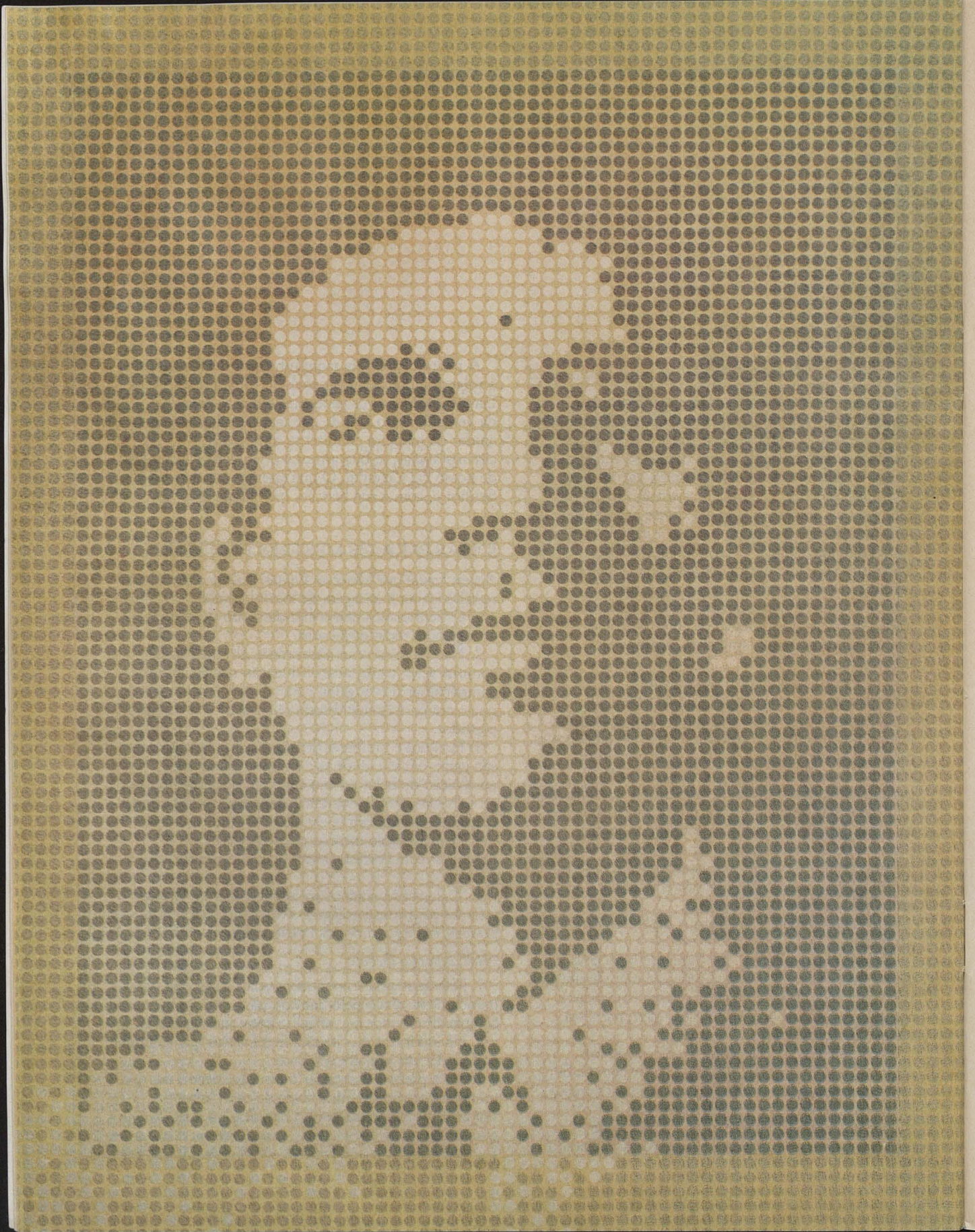
IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los na mensagem de mestre familiar:

1. O Senhor nos deu o mandamento de ensinar o evangelho a todas as pessoas.
2. Não importa onde estivermos, os sistemas de comunicação, transporte e educação nos facilitam compartilhar o evangelho com outras pessoas mais do que o era para os membros e missionários nos séculos passados.
3. Homens e mulheres de todas as nacionalidades são iguais em seu amor ao cônjuge e filhos, na apreciação do belo, na empatia com o sofrimento, no reconhecimento da existência de um poder superior, e na percepção do certo e errado.
4. As diferenças entre as pessoas podem ser superadas com cortesia, amor, e com o Espírito do Senhor.
5. Todos nós podemos ser abençoados em nossos esforços para compartilhar o evangelho com outras pessoas, se buscarmos inspiração e diretriz do Senhor.

Auxílios para o Debate


1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito do mandamento dado pelo Senhor, para que compartilhássemos o evangelho com outras pessoas.
2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar o assunto, depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há uma mensagem do bispo ou do líder do quorum?





AS PEQUENAS COISAS SÃO IMPORTANTES

Élder Joseph B. Wirthlin, do Conselho dos Doze



A questão não é administrar o tempo, mas administrar a nós mesmos com o tempo que temos. As pretensas pequenas coisas são realmente importantes, se quisermos ganhar a vida eterna.

Ultimamente fico impressionado, quando penso que esta vida é feita de pequenas coisas — pequenas coisas que são muito importantes. Creio que as pequenas coisas são muito importantes no relacionamento conosco mesmos, no relacionamento com as outras pessoas, e no relacionamento com Deus.

O Senhor disse: “Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes.” (D&C 64:33.)

Tenho pensado, com freqüência, que algumas das pequenas coisas mais comuns na vida são os minutos que passam a cada hora do dia. O tempo é um recurso necessário a cada ser humano. Ele não pode ser ignorado nem modificado. Nós temos de despendê-lo à taxa fixa de sessenta minutos por hora. Não podemos aumentar nem diminuir o número de minutos por dia.

A questão não é administrar o tempo, mas administrar a nós mesmos com o tempo que temos. Cada minuto é uma coisa pequena e, no entanto, com respeito à nossa produtividade pessoal, administrar o minuto é o segredo do sucesso.

O Relacionamento Conosco Mesmos

Pensemos primeiro a respeito do relacionamento conosco mesmos. Tendes de tomar o devido cuidado em vossa vida, para que as pequenas coisas

relacionadas à vossa vida pessoal estejam em ordem. Tendes de aprender a cuidar de vossa saúde e de vosso bem-estar mental. Fazeis exercícios físicos de maneira adequada para terdes a energia e força extras de que precisais, para executar vossos afazeres diários? Sois sábios em vossa dieta? Comeis alimentos que são bons para vosso corpo? Pensais em coisas que mantêm vosso espírito forte e vossa atitude positiva?

Nosso corpo é verdadeiramente o resultado daquilo que comemos, daquilo que pensamos e do exercício físico que fazemos. Se não formos sábios, essas pequenas coisas poderão causar graves problemas de saúde que limitarão nosso sucesso e a capacidade de servir.

O Relacionamento com Outras Pessoas

No que diz respeito ao nosso relacionamento com outras pessoas, fico surpreso, quando penso no exemplo perfeito que o Senhor Jesus Cristo oferece em todos os aspectos da existência. Se nos encontrássemos com ele, achá-lo-famos muito agradável e perfeito em todos os relacionamentos e no seu comportamento com cada indivíduo.

Despendei algum tempo para lembrar-vos de alguns dos gestos simples de cortesia que são tão importantes no relacionamento com os outros? Lembrais do sorriso, do cumprimento, do comentário positivo e da palavra de incentivo? Devemos fazer essas pequenas coisas importantes sem hesitação.

Paciência e tolerância, que alguns consideram sem importância nesta vida, são alguns dos maiores atributos que podemos desenvolver no relacionamento com nossos semelhantes. Seja nos esportes, nos negócios ou em nossos relacionamentos na Igreja, se puderdes desenvolver esses dois grandes atributos, descobrireis que realmente conseguis trabalhar com as pessoas e ter uma boa influência na vida delas.

Outras pequenas coisas importantes que merecem nossa atenção são os pequenos atos de serviço que prestamos aos nossos semelhantes. O Presidente Spencer W. Kimball disse:

“Aprendi que é servindo que aprendemos a servir. Quando estamos empenhados no serviço ao próximo, não só estamos ajudando-os, como passamos a entender melhor nossos próprios problemas. Quando nos preocupamos mais com os outros, sobra menos tempo para nos preocuparmos conosco mesmos... Deus sabe de nós e vela por nós. Mas, geralmente, é por intermédio de outra pessoa mortal que ele atende a nossas necessidades. Por isso, é vital que nos sirvamos uns aos outros no reino.” (“Pequenos Atos de Serviço”, *A Liahona*, dezembro de 1976, p. 1.)

O Relacionamento com Deus

Quando criou nosso corpo espiritual, o Pai Celeste tomou muito cuidado em colocar em cada um de nós todo pequeno potencial de caráter, compaixão, alegria e conhecimento de que precisaríamos para nosso crescimento pessoal. A origem de cada traço divino de caráter está em cada um e todos nós. Com essa certeza, somos verdadeiramente capazes de nos tornarmos deuses, como ele nos ordenou. Lembrai-vos das palavras do Salvador aos nefitas: “Que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou.” (3 Néfi 27:27.)

Deveis prestar atenção às pequenas coisas que nos ajudarão a crescer e a progredir em nosso relacionamento com Deus. Devemos aprender com as palavras do Profeta Alma a seu filho Helamã: “Mas eis que te digo que é por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão.” (Alma 37:6.)

O desejo de desenvolver qualidades espirituais afastar-nos-á de outros desejos iníquos. Levar-nos-á a orar com maior propósito e a perdoar com maior facilidade as faltas de nosso próximo. Amaremos mais e criticaremos menos. Se buscamos o crescimento

pessoal seguindo na mesma direção de Cristo, temos de ter em nossa vida o propósito de desenvolver essas qualidades espirituais.

Com certeza, uma das principais mensagens de Satanás no mundo de hoje é que, na realidade, não precisamos preocupar-nos com assuntos sem importância. Lúcifer é um mestre do logro gradativo. Ele consegue fazer as pequenas coisas parecerem totalmente inofensivas, quando, na realidade, elas rapidamente sujeitarão a alma e destruirão o espírito. Pode fazer um vestido ousado e um comportamento sugestivo parecerem bastante aceitáveis. Pode fazer-nos pensar que uma pequena indiscrição na fala e nas maneiras ainda é bastante salutar. Mas logo esses pequenos passos se repetem num nível cada vez mais baixo, até cairmos muito além do jamais imaginado.

Sugiro, do lado positivo, que observemos todas as possíveis pequenas oportunidades de vencer o mal e aumentar nossa força espiritual. Temos de permitir “que a virtude adorne os (nossos) pensamentos incessantemente; então (nossa) confiança se tornará forte na presença de Deus”. (Vide D&C 121:45.)

Pequenas coisas que, na realidade, se tornam tão grandes, ajudam-nos a entender mais claramente quando aprendemos a vencê-las uma a uma, em nosso esforço para obtermos cada vez mais força. E isso fazemos em espírito de humildade e gratidão ao nosso Pai Celeste.

Nosso atual profeta vivo, o Presidente Ezra Taft Benson, observou, quando era membro do Quorum dos Doze, que todas essas pequenas coisas são possíveis. Disse ele: “Os filhos de nosso Pai são essencialmente bons. Acho que têm, todos eles, a possibilidade de se tornarem deuses... e eles querem fazer o que é certo.” (Seminário de Representantes Regionais, 4 de outubro de 1973, p. 3.)

Devemos procurar viver todos os dias com absoluta fé, pois aprendemos na vida que o Senhor cumpre suas promessas e cuida daqueles que nele confiam. Ele tem sido tão bom para todos nós, que devemos ter uma certeza muito forte de que realmente nos ama, a despeito de nossas falhas.

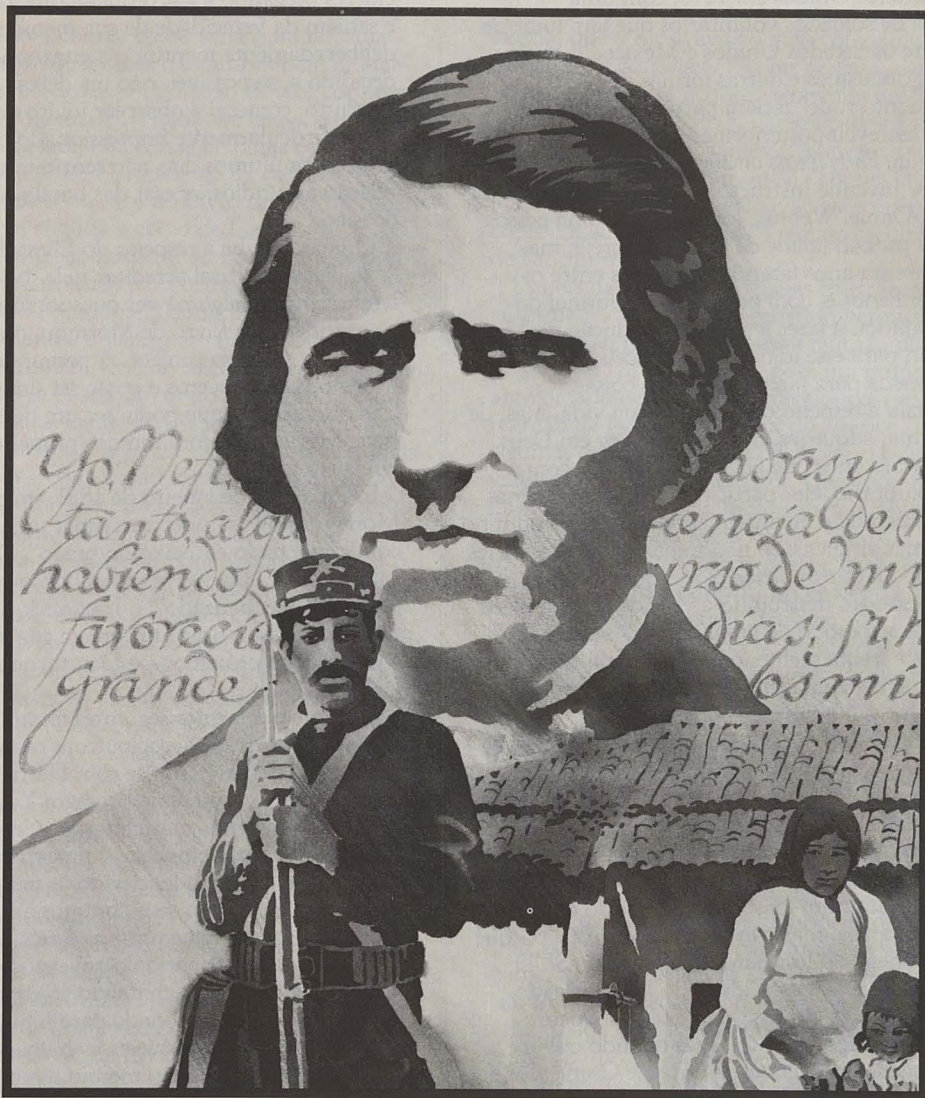
Testifico-vos que essas pretensas pequenas coisas são realmente importantes, se quisermos ganhar a vida eterna na presença de nosso Pai Celestial. □

Condensado de um discurso feito na Universidade Brigham Young, Provo, Utah, a 24 de outubro de 1986.

O CONVERSO IMPROVÁVEL:

Daniel Webster Jones

Um menino órfão do Missouri cresceu, chegando a abrir o caminho para a Igreja no México e começou o grande trabalho da tradução do Livro de Mórmon para o espanhol.



Dick Brown

Jack McAllister

Órfão aos onze anos, Daniel Webster Jones viajou de seu lar no Missouri para o oeste dos Estados Unidos em 1847, com uma companhia de soldados voluntários que iam lutar na guerra entre os Estados Unidos e México. “Jogatina, blasfêmias, discussões e outras formas de comportamento rude” faziam parte de seu viver cotidiano, escreveu posteriormente em sua autobiografia, *Forty Years among the Indians*. (Salt Lake City, Utah: Juvenile Instructor Office.) Assim, em sua juventude, Daniel Webster Jones parecia uma pessoa com pouca probabilidade de filiar-se à Igreja; mas passou quarenta anos fazendo conversos entre os índios americanos e, com pouco estudo formal do espanhol, ajudou a fazer a primeira tradução do Livro de Mórmon para esse idioma. Aconteceu, que ele era uma boa pessoa para fazer todas essas coisas.

Ele não fala a respeito do início de sua vida, mas, de alguma forma, adquirira uma forte crença em Deus. Durante os três anos que passou no México com o exército voluntário, ele “participou de muitas formas da vida desregrada e inconseqüente que era comum no exército”, mas ainda assim não tomava “bebidas fortes nem era dado a outros vícios piores que, como eu podia ver, estavam destruindo a vida de meus amigos”.

Devido ao seu modo de vida, diz ele, “sentia-me condenado, e freqüentemente pedia a Deus com toda a seriedade que me ajudasse a ver o que era correto, e como servi-lo: e lhe dizia que queria saber positivamente, e não ser enganado”. À sua maneira rude, sentia que as pessoas de sua época também tinham direito a um profeta; que não era certo “deixá-las sem nada, a não ser a Bíblia”.

Ele deixou o México em 1850, com uma grande caravana comercial que ia para a Cidade do Lago Salgado. No caminho, foi seriamente ferido em um acidente com arma, mas conseguiu sobreviver, porque seus companheiros o levaram a um povoado SUD perto de Provo, ao sul da Cidade do Lago Salgado.

Naquela época, os santos eram freqüentemente ridicularizados pelos viajantes, mas quando ouviu alguns de seus amigos lendo Doutrina e Convênios e fazendo pouco do livro, lembrou-se de sua oração, pedindo revelação moderna. Ele deixou seus companheiros, mudou-se para a casa de uma família SUD e começou a pesquisar o evangelho enquanto se

recuperava do ferimento. “Todos eram gentis e me tratavam com grande confiança”, lembra ele. “Ouvi os élderes pregando e logo concluí que, ou eram honestos e sabiam da veracidade de sua mensagem, ou estavam deliberadamente mentindo e enganando. Eu estava decidido a, se possível, não me deixar enganar e, portanto, comecei a observar muito de perto.” Ele ficou particularmente impressionado com o fato de os santos dos últimos dias não sentirem rancor em relação aos índios, apesar das batalhas ocorridas na ocasião.

Quando soube a respeito do Livro de Mórmon, “parecia-me natural acreditar nele. Não consigo lembrar-me de alguma vez questionar em minha mente a veracidade do Livro de Mórmon, ou o fato de Joseph Smith ter sido um profeta. A pergunta era: “Os Mórmons são sinceros e posso ser um deles?”” Quando decidiu que podia ser um deles, falou com Isaac Morley, que fora um dos primeiros conversos da Igreja em Ohio.

Era o dia 27 de janeiro de 1851, inverno, e o Irmão Morley “estava saindo para pegar uma carga de lenha com o machado embaixo do braço”. Dizendo calmamente: “Eu estava esperando que você viesse pedir para ser batizado”, o Irmão Morley usou o machado para retirar uma grossa camada de gelo que cobria o lago próximo — e Dan tornou-se membro da Igreja.

Os vinte e três anos seguintes foram movimentados. Ele cultivou o solo, negociou com os índios Ute, foi ordenado setenta, casou-se com Harriet Emily Colton, atuou como intérprete de Brigham Young, quando em contato com alguns mexicanos no Condado Sanpete, ajudou a salvar os pioneiros com carrinhos de mão que estavam em dificuldades devido às tempestades de inverno, e continuou seus contatos amigáveis com os índios, tanto como membro da Igreja como na qualidade de funcionário do governo.

Então, em 1874, foi chamado ao escritório de Brigham Young e designado para uma missão no México. “Eu esperava que esse chamado viesse algum dia. Havia desejado e, ao mesmo tempo, temido a missão”, diz ele francamente, sabendo quão difícil seria uma missão no México. Ele e Harry Brizzee foram chamados e instruídos a se prepararem. Visto que “o Irmão Young dissera que gostaria de que alguns

trechos do Livro de Mórmon fossem traduzidos”, eles “começaram a estudar e preparar-se para traduzir”.

Embora ambos falassem espanhol, Daniel “freqüentemente pensava como seria bom ter uma pessoa cuja língua-mãe fosse o espanhol para ajudar-nos”. Poucos meses depois, o Irmão Brizzee conheceu um estranho, Mileton G. Trejo, que falava o espanhol e ouvira falar da Igreja nas Ilhas Filipinas e viera para Utah a fim de pesquisá-la. Ele logo foi batizado e começou a traduzir trechos do Livro de Mórmon para o espanhol com a ajuda e apoio de Daniel.

Em 1875, Daniel comunicou ao Presidente Young que eles estavam prontos para começar a missão. Autorizado pelo Presidente Young, Daniel logo levantou quinhentos dólares para financiar a impressão da primeira série de trechos em espanhol.

Numa conversa posterior com o Presidente Young, foi-lhe perguntado como ele, Daniel, se propunha a provar às autoridades da Igreja — nenhuma das quais falava espanhol — que a tradução estava correta. Daniel sugeriu este teste: Eles escolheriam um livro, o Irmão Trejo traduziria um trecho para o espanhol, Daniel pegaria a versão espanhola e, sem consultar o original, traduziria o texto novamente para o inglês. O Presidente Young aceitou a sugestão, e quando as Autoridades Gerais receberam uma cópia da tradução que Daniel fizera do espanhol, o Presidente George A. Smith, então membro da Primeira Presidência, “observou rindo: “Gostei mais do estilo do Irmão Jones do que (do original)... A linguagem é mais fácil de entender.””

Mas esta não foi a única experiência excepcional de Daniel em relação à tradução. Diz ele:

“Quando começou a impressão, o Irmão Brigham me disse que me responsabilizaria por sua correção. Isso me preocupou tanto, que pedi ao Senhor que, de alguma forma, me mostrasse quaisquer erros (à medida que revisávamos as páginas impressas).

O manuscrito do Irmão Trejo estava escrito em um estilo moderno de linguagem. Quando chamava sua atenção para os erros, ele invariavelmente concordava comigo. Muitas vezes comentou que eu era um crítico meticuloso e entendia espanhol melhor que ele. Não quis dizer-lhe como havia discernido os erros.

Sentia uma sensação no centro da testa, como se houvesse um fio fino sendo suavemente puxado.

Quando havia um erro, a suavidade era interrompida, como se um pequeno nó estivesse passando pela testa. Quer eu visse o erro ou não, estava tão certo de que existia, que o mostrava ao meu companheiro e lhe pedia que o corrigisse. Depois de feito, continuávamos até a mesma coisa acontecer novamente.”

Em setembro de 1875, Daniel partiu para o México com seu filho Wiley, James Z. Stewart, Helaman Pratt, Robert H. Smith, Ammon M. Tenney e Anthony W. Ivins. O grupo foi a cavalo e levou consigo duas mil cópias de sua publicação “Trechos Escolhidos do Livro de Mórmon”.

Depois de várias experiências frustrantes com as autoridades locais, eles receberam permissão, em Chihuahua, para realizar uma reunião pública; e, a 8 de abril de 1876, pregaram para um grupo de aproximadamente quinhentas pessoas, na primeira reunião da Igreja no interior do México. Depois de algumas outras tentativas de pregar o evangelho, voltaram aos Estados Unidos, chegando à Cidade do Lago Salgado a 5 de julho de 1876. Daniel fez uma segunda missão no México em 1876-1877, novamente com o Irmão Trejo, Irmão Pratt e Irmão Stewart. Estavam servindo também Louis Garff e George Terry. Cinco conversos foram batizados.

Em 1879, o Élder Moses Thatcher, do Quorum dos Doze, abriu oficialmente a missão, acompanhado pelos irmãos Stewart e Trejo. Com exceção das interrupções causadas por motivos políticos em 1913 e 1926, a missão vem funcionando desde aí.


A primeira tradução completa do Livro de Mórmon foi concluída em 1886, pelos Irmãos Trejo e Stewart. Rey L. Pratt, presidente da missão de 1907 a 1931, revisou essa tradução, ajudado por Eduardo Balderas. O Irmão Balderas acabou tornando-se o principal tradutor da Igreja para o espanhol e corrigiu a edição Pratt por volta de 1949, para uma nova edição. Uma segunda revisão, iniciada em 1969 e concluída em 1980 pelo Irmão Balderas, foi recentemente publicada e está sendo usada em todas as missões de língua espanhola da Igreja.

O trabalho começou no México por um servo fiel e obediente do Senhor, Daniel Webster Jones, um órfão do Missouri, que viria a ser um fator importante na vida de milhares de povos de língua espanhola em todo o mundo. □

NÃO QUEIMAREI O LIVRO

Don Vincenzo di Francesca





A história a seguir é o relato do Irmão Francesca acerca de sua extraordinária conversão. É baseada no artigo da Improvement Era, de maio de 1968, pp. 4-7, e uma carta escrita pelo Irmão Francesca. Essa carta está atualmente nos arquivos da Igreja e é um relato da luta de quarenta anos que o autor travou para filiar-se à Igreja. O Irmão Francesca foi batizado em 1951, pelo presidente da Missão Suíça-Austria, Samuel E. Bringham.

Quando me recordo dos acontecimentos de minha vida que levaram àquela manhã fria, na Cidade de Nova York, em fevereiro de 1910, estou convencido de que Deus se preocupava com minha existência. Naquela manhã, o zelador da capela italiana deixou um recado do pastor para mim. Ele estava doente e acamado e queria que eu fosse à sua casa, pois tinha assuntos importantes a discutir com relação aos negócios da paróquia.

Enquanto andava por uma rua perto do porto, o vento forte que vinha do mar virou as páginas de um livro jogado num barril cheio de cinzas. A aparência das páginas e a capa fizeram-me pensar que se tratava de um livro religioso. A curiosidade fez com que me aproximasse dele. Peguei-o e bati no barril para sacudir as cinzas. Estava impresso em inglês, mas, quando procurei a página de rosto, vi que havia sido arrancada.

A força do vento, foi virando as páginas e, de relance, consegui ler Alma, Mosiah, Mórmon, Morôni, Isaías, lamanitas; com exceção de Isaías eram todos nomes que eu nunca tinha ouvido antes. Embrulhei o livro num jornal que comprara lá perto e continuei meu caminho, rumo à casa do pastor.

Depois de algumas palavras de conforto lá, decidi o que deveria fazer por ele. A caminho de casa, fiquei imaginando quem poderiam ser aquelas pessoas com

Don Vincenzo di Francesca, foto inserida, era um jovem sacerdote quando, em 1910, na Cidade de Nova York, descobriu um livro sujo e abandonado que iria mudar sua vida.

nomes estranhos. E quem era esse Isaías? Seria aquele da Bíblia ou algum outro?

Em casa, sentei-me em frente à janela, ansioso por saber o que dizia o livro. Quando virei as páginas rasgadas e li as palavras de Isaías, fiquei convencido de que era um livro religioso que falava de coisas futuras. Mas não sabia o nome da Igreja que ensinava aquela doutrina, porque a capa e a página de rosto haviam sido rasgadas. A declaração das testemunhas fez-me crer que o livro era verdadeiro.

Depois, comprei um líquido de limpeza e um pouco de algodão na farmácia próxima e comecei a limpar as páginas. Durante várias horas, li o restante das páginas, o que me deu luz e conhecimento e me fez querer saber a fonte da qual viera essa nova revelação. Li e reli, duas vezes e mais duas, e senti que o livro era um quinto evangelho do Redentor.

No final do dia, tranquei a porta do quarto, ajoelhei-me com o livro nas mãos, e li o capítulo dez de Morôni. Orei a Deus, o Pai Eterno, em nome de seu filho, Jesus Cristo, para que me dissesse se o livro era de Deus, se era bom e verdadeiro, e se eu devia usar suas palavras com o que diziam os quatro evangelhos em minha pregação.

Senti meu corpo ficar frio com o vento do mar. Então o coração começou a bater mais rápido, e uma grande alegria, como se tivesse achado algo precioso e extraordinário, confortou minha alma e me fez sentir uma felicidade que a língua humana não consegue descrever com palavras. Eu recebera a certeza de que Deus respondera à minha oração e que o livro era um enorme benefício para mim e para aqueles que ouvissem suas palavras.

Continuei meus serviços na paróquia, mas minha pregação estava mesclada com as palavras do livro. Os membros de minha congregação estavam tão interessados, que ficaram insatisfeitos com os sermões de meus colegas. Quando os membros começaram a sair da capela durante seus sermões e a ficar enquanto eu ocupava o púlpito, meus colegas se zangaram comigo.

O começo da verdadeira discórdia aconteceu na véspera de Natal de 1910. Em meu sermão, naquela noite, contei a história do nascimento e missão de Jesus Cristo, de acordo com o novo livro. Quando terminei, alguns de meus colegas contestaram publicamente tudo o que eu dissera. Denunciaram-me e encaminharam-me ao Comitê de Censura para uma ação disciplinar.

Quando me apresentei diante daquele comitê, os membros deram-me o que supunham ser um conselho paternal. Aconselharam-me a queimar o livro que diziam ser do demônio, uma vez que causara tanto problema e destruíra a harmonia da irmandade eclesiástica. Respondi: "Não queimaria o livro, porque tenho temor a Deus. Perguntei-lhe se era verdadeiro, e minha oração foi respondida de maneira afirmativa, e sinto-o de novo em minha alma, quando defendo essa causa agora." Senti então que algum dia acabaria conhecendo a fonte do livro e poderia desfrutar dos efeitos da fé que me levava a resistir solenemente ao Comitê de Censura.

Foi só em 1914 que fui levado novamente ao conselho. Um oficial da igreja falou de maneira amigável, sugerindo que as palavras ásperas da audiência anterior poderiam ter-me provocado, o que era lamentável, já que todos eles me amavam. No entanto, disse ele, eu devia lembrar-me da regra da obediência e que eu tinha de queimar o livro.

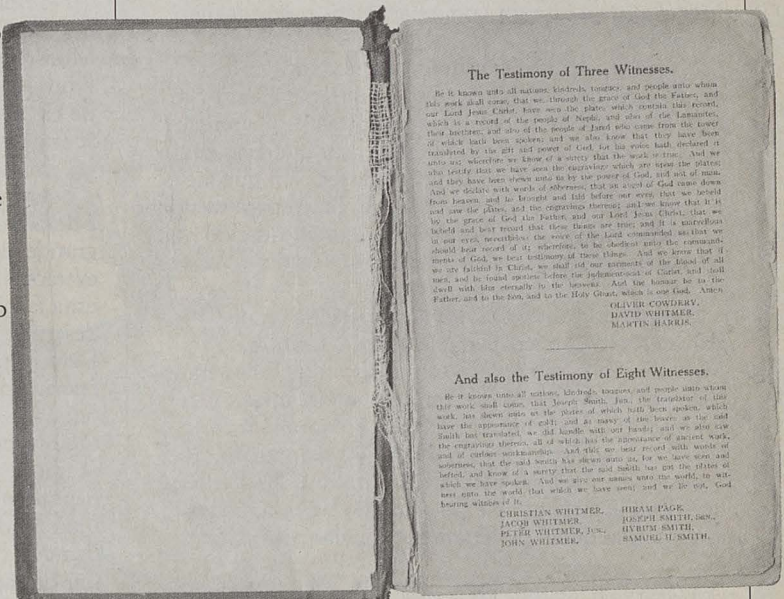
Eu não podia negar as palavras nem queimar o livro, uma vez que, se o fizesse, ofenderia a Deus. Disse que ansiava com júbilo pelo dia em que conheceria a igreja à qual o livro pertencia e no qual poderia tornar-me parte dela. "Basta! Basta!" gritou o clérigo. Então leu a decisão do conselho: Eu perderia meu cargo de pastor da igreja e todos os direitos e privilégios dos quais anteriormente desfrutara.

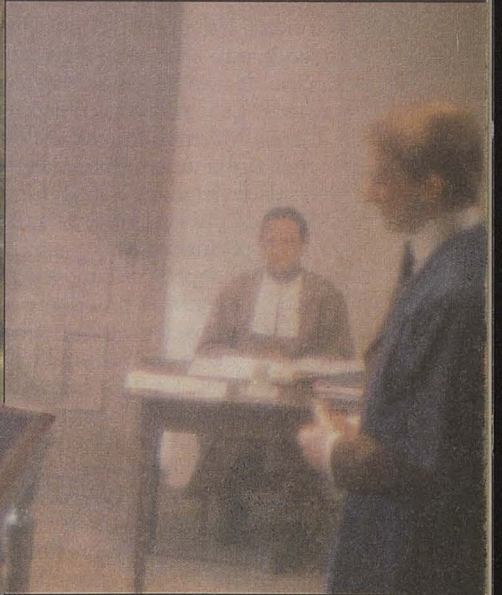
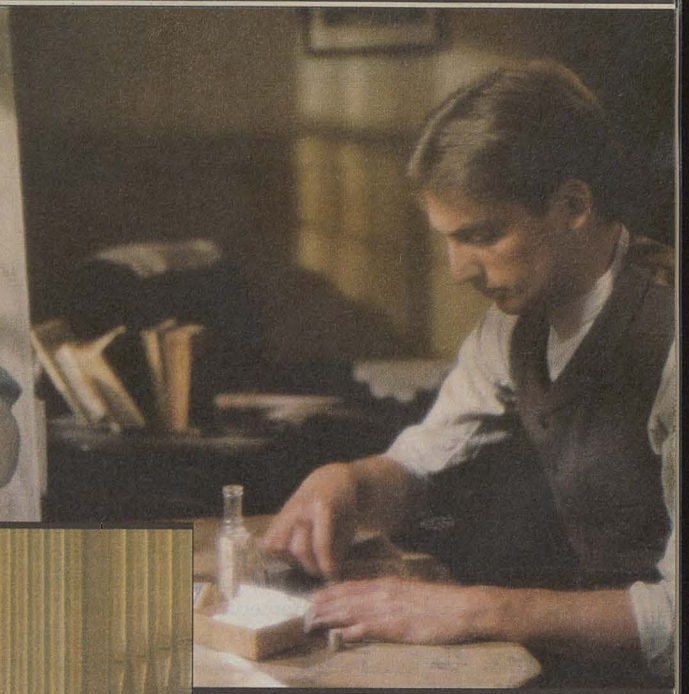
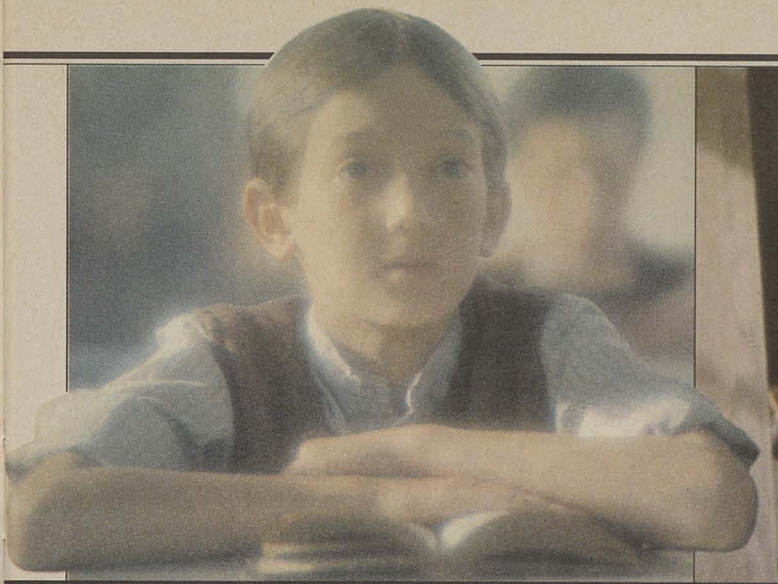
Em novembro de 1914, eu estava de volta à minha terra natal, a Itália; chamado para servir no exército italiano, lutei na França. Certa vez, contei a alguns homens de minha companhia a história do povo de Amon — como eles

se recusaram a derramar o sangue de seus irmãos e enterraram suas armas, para não serem culpados de tão grave crime. O capelão me encaminhou ao oficial comandante, e no dia seguinte, fui escoltado até seu escritório. Ele pediu-me que lhe contasse a história como o fizera antes. Depois perguntou-me como eu obtivera o livro. Recebi como punição uma sentença de dez dias a pão e água, com ordem para não falar mais no tal livro.

Depois do fim da guerra, voltei para Nova York, onde encontrei um velho amigo, um pastor da igreja à qual pertencera anteriormente. Ele intercedeu por mim junto ao conselho da igreja e fui, por fim, admitido na congregação como membro leigo. A título de

Abaixo. Fotografia do livro encontrado na Cidade de Nova York por Irmão Francesca. Na outra página. Fotografias mostrando cenas da vida de Irmão Francesca: limpando cuidadosamente o livro recém-descoberto; fazendo um sermão baseado nos ensinamentos do livro; apresentando-se perante um Comitê de Censura; ensinando imigrantes italianos na Austrália.





experiência, ficou decidido que deveria acompanhar um dos pastores numa missão na Nova Zelândia e Austrália.

Na Austrália, encontramos alguns imigrantes italianos que fizeram perguntas a respeito de erros em algumas traduções da Bíblia. Eles não estavam satisfeitos com as respostas de meu companheiro. Quando me fizeram perguntas sobre o assunto, mais uma vez contei a história do aparecimento de Cristo ao povo da América. Quando me perguntaram onde havia recebido esses ensinamentos, contei-lhes a respeito do livro que encontrara. Eles gostaram da história, mas meu colega não. Ele notificou o conselho, e mais uma vez eles me baniram da igreja.

Retornei à Itália pouco depois. Então, em maio de 1930, enquanto procurava algumas informações num dicionário de francês, de repente vi o verbete “mórmon”. Li as palavras cuidadosamente e descobri que a Igreja Mórmon fora estabelecida em 1830 e que essa igreja tinha uma universidade em Provo (a Universidade Brigham Young, Utah). Escrevi ao presidente da universidade, pedindo informações sobre o livro e as páginas que faltavam. Recebi uma resposta duas semanas depois, dizendo-me que minha carta havia sido entregue ao presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Em 16 de junho de 1930, o Presidente Heber J. Grant respondeu à minha carta e enviou-me um exemplar do Livro de Mórmon em italiano. Informava-me também que entregaria meu pedido ao Élder John A. Widtsoe, presidente da Missão Européia, com sede em Liverpool, Inglaterra. Dias depois, o Élder Widtsoe escreveu-me, enviando-me um folheto com a história do Profeta Joseph Smith e do surgimento do Livro de Mórmon. Finalmente, eu descobria o resto da história do livro rasgado que achara num barril de cinzas.

Em 5 de junho de 1932, o Élder Widtsoe veio a Nápoles para batizar-me, mas tendo irrompido uma revolução na Sicília, a polícia de Palermo recusou-se a deixar-me sair da ilha. No ano seguinte, o Élder Widtsoe pediu-me que traduzisse o folheto de Joseph Smith para o italiano e providenciasse a impressão de mil cópias. Levei minha tradução a um gráfico, Joseph Gussio, que levou o material para o bispo católico. O bispo ordenou ao gráfico que destruísse o material.

Processei o gráfico, mas tudo o que obtive do tribunal foi uma ordem para que ele devolvesse o folheto original.

Quando o Élder Widtsoe foi desobrigado do cargo de presidente da missão em 1934, comecei a corresponder-me com o Élder Joseph F. Merrill, que o sucedeu. Ele tomou providências para enviar-me o *Millennial Star*, que eu recebi até 1940, quando a II Guerra Mundial interrompeu a assinatura.

Em janeiro de 1937, o Élder Richard R. Lyman, sucessor do Presidente Merrill escreveu que ele e o Élder Hugh B. Brown estariam em Roma num determinado dia. Eu poderia encontrar-me com eles lá e ser batizado. No entanto, a carta atrasou por causa da guerra, e eu não a recebi a tempo.

Dessa data até 1949, não consegui receber nenhuma notícia da Igreja, mas continuei um fiel seguidor e preguei o evangelho da dispensação da plenitude dos tempos. Tinha exemplares das obras-padrão, e traduzi alguns capítulos para o italiano que enviei a conhecidos, com a saudação: “Bom dia. A aurora rompe — Jeová fala!”

Em 13 de fevereiro de 1949, mandei uma carta ao Élder Widtsoe, na sede da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, o qual respondeu a ela a 3 de outubro de 1950, explicando que estivera na Noruega. Mandei-lhe uma longa carta em resposta, na qual pedia que me ajudasse a ser batizado rapidamente, porque sentia que havia provado ser um filho e servo fiel de Deus, observando as leis e mandamentos de seu reino. O Élder Widtsoe pediu ao Presidente Samuel E. Bringhurst, da Missão Suíça-Austríaca, que fosse à Sicília batizar-me.

Em 18 de janeiro de 1951, o Presidente Bringhurst chegou na ilha e batizou-me em Imerese. Parece que esse foi o primeiro batismo realizado na Sicília. Depois de 28 de abril de 1956, entrei no templo em Berna, Suíça, e recebi minha investidura. Finalmente, estava na presença de meu Pai Celestial! Senti que a promessa de Deus havia sido inteiramente cumprida — chegara realmente o dia em que eu conhecera a fonte do livro e podia desfrutar dos efeitos de minha fé. □

(Nota do Editor: O Irmão Francesca, nascido a 23 de setembro de 1888, morreu a 18 de novembro de 1966, forte em sua fé, tendo realizado as ordenanças no templo para si próprio e para muitos outros.)

A • V • E • R • D • A • D • E
ABSOLUTA

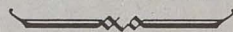
Presidente Spencer W. Kimball (1895-1985)

Deus, nosso Pai Celestial — Eloim — vive. Isto é uma verdade absoluta. Todos os filhos dos homens podem ser ignorantes quanto a ele e seus atributos e poderes, mas, ainda assim, ele vive. Todo o povo da terra poderia negá-lo e descrer, mas Deus vive, a despeito disso. Podem ter suas próprias opiniões, mas, ainda assim, ele vive, e sua forma, poderes e atributos não mudam de acordo com as opiniões dos homens. Resumindo, a opinião por si só não tem poder algum no que se refere a uma verdade absoluta. Ele ainda vive, e Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Todo-Poderoso, o Criador, o Mestre do único modo verdadeiro de vida — o Evangelho de Jesus Cristo. O intelectual pode racionalizá-lo como inexistente, e o descrente pode escarnecer, mas, ainda assim, Cristo

vive e dirige os destinos de seu povo. Isto é uma verdade absoluta; não há como negá-la.

O fabricante de relógios, na Suíça, tendo materiais à mão, fez um relógio que foi encontrado na areia do deserto da Califórnia. As pessoas que o encontraram nunca haviam estado na Suíça, nem visto o fabricante de relógios, muito menos observado a sua fabricação. Ainda assim, o fabricante de relógios existia, não obstante a ignorância ou experiência das pessoas. Se o relógio pudesse falar, poderia até mesmo mentir e dizer: "Não existe fabricante de relógios." Isto não alteraria a verdade.

Os Deuses organizaram a terra com os materiais que se encontravam à mão, sobre os quais tinham controle e poder. Esta verdade é absoluta. □



COMO TORNAR-SE UM MEMBRO MISSIONÁRIO

Carol Wagner Tuttle

Orei por orientação do Espírito Santo, para saber como abordar o homem — e em busca da confiança de que precisava para falar com ele a respeito do Livro de Mórmon.

Sentia-me cada vez menos à vontade durante a primeira aula para membros missionários na Escola Dominical, à medida que o professor falava sobre a importância do trabalho.

“Cada membro é um missionário”, lembrou-nos ele, e então continuou: “Oitenta por cento dos batismos de conversos em nossa missão são provenientes das referências dadas por membros. Uma parte da missão tríplice da Igreja é proclamar o evangelho a todas as nações, tribos, línguas e povos. Irmãos e irmãs, precisamos aprender a abrir nossa boca e compartilhar o evangelho!”

Essas palavras não eram novas para mim. Ouvira-as muitas vezes e acreditava serem verdadeiras. Então, por que me sentia tão pouco à vontade? Por que ficava nervosa demais para dar a um não-membro um exemplar do Livro de Mórmon, compartilhar meu testemunho com os outros, ou convidar alguém para conhecer os missionários?

Sentindo-me desanimada depois daquela primeira aula, procurei entender por que sentia medo de dar um exemplar do Livro de Mórmon a um não-membro, de compartilhar meu testemunho do evangelho, e de

convidar amigos e vizinhos não-membros para ouvir os missionários.

Ao analisar meu medo, dei o primeiro passo em direção a uma notável mudança em minha vida. À medida que estudava as escrituras e as palavras dos profetas vivos e também orava ao Senhor, meu medo se foi transformando em confiança. No fim daquele curso de seis semanas, eu já dera sete exemplares do Livro de Mórmon, havia compartilhado meu testemunho com dois não-membros e convidado vizinhos para virem à nossa casa reunir-se com os missionários. Eis como enfrentei o medo e o venci.

Dar a um Não-Membro um Exemplar do Livro de Mórmon

Tenho medo de dar um exemplar do Livro de Mórmon a um não-membro, porque:

“Religião é um assunto particular e não quero ofendê-los.”

“Eles podem achar que tudo o que me preocupa é que eles se filiem à Igreja, e que nossa amizade realmente não é importante para mim.”



Richard Hull

“Posso estragar uma amizade, porque poderia parecer agressiva demais.”

Mudei minha atitude, quando percebi que eu realmente tinha algo que as outras pessoas desejavam e aceitariam em sua vida: o testemunho e conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo. E percebi que, ao invés de pensar em fazer amizade com as pessoas, para que elas se filiassem à Igreja, eu precisava pensar mais em amá-las a ponto de realmente querer compartilhar o evangelho com elas.

Aqueles que temem ser agressivos ou ferir uma amizade, o Presidente Kimball deu este conselho: “Às vezes nos esquecemos de que é melhor arriscar ofender um amigo do que privá-lo da vida eterna...” (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, p. 554.)

Naquele primeiro domingo do curso para membros missionários, nosso professor pediu que nos comprometêssemos com o Senhor a dar um exemplar do Livro de Mórmon durante a semana seguinte e depois um a cada semana. Embora ainda me sentisse temerosa naquele momento, aceitei o desafio. No meio da semana ficou bem claro para mim a quem deveria dar um exemplar.

Havíamos contratado um senhor para fazer um trabalho para nós. Desde o primeiro dia, senti que era um homem honesto e de bom caráter. Na sua última manhã conosco, orei ao Pai Celestial e recebi a confirmação de que ele deveria receber um exemplar do Livro de Mórmon. Também orei por orientação do Espírito Santo, para saber como abordá-lo e em busca da confiança de que precisava para falar com ele a respeito do livro. Preparei um Livro de Mórmon, escrevendo nele o meu testemunho, e esperei ansiosamente por nossa conversa.

Naquela noite, quando ele terminou o trabalho, convidei-o a sentar-se, ofereci-lhe um copo com água, e perguntei: — Alguém alguma vez já lhe contou por que os mórmons são chamados de “mórmons”? (Essa era uma das abordagens que havíamos aprendido no curso para membros missionários.)

Quando ele disse que não, perguntei: — O senhor ficaria ofendido, se eu me oferecesse para contar-lhe?

— Não, pode continuar. — Respondeu ele.

Depois de uma conversa amigável de quinze minutos a respeito do Livro de Mórmon, ofereci-lhe o exemplar que havia preparado e perguntei-lhe se o leria. Prometi-lhe que, se o lesse em espírito de oração, saberia, como eu soubera, que é verdadeiro. Ele disse que o faria. Separamo-nos então, ainda amigos. Ele não ficou ofendido, e eu não achava que fora agressiva.

Compartilhar o Testemunho

Tenho medo de compartilhar meu testemunho com não-membros, porque:

“Eles talvez não estejam preparados para ouvi-lo.”

“Eles poderiam rejeitá-lo, e então eu me sentiria rejeitada.”

“Não sei bem o que dizer ou como expressar meu testemunho.”

Na segunda semana do curso para membros missionários, reconheci uma maravilhosa oportunidade de compartilhar meu testemunho do plano de salvação com uma amiga não-membro que acabara de ter seu primeiro bebê. Depositando minha confiança no Senhor, pude expressar meu testemunho do amor de Deus. Foi uma experiência maravilhosa que acarretou lágrimas de alegria e um inegável sentimento de que Deus realmente nos ama. Posteriormente, dei-lhe um exemplar do Livro de Mórmon, que ela aceitou e concordou em ler.

Somos responsáveis pela proclamação do evangelho; depois a pessoa tem a opção de aceitar ou rejeitá-lo. Se não o aceitar, continuamos a amar essa pessoa e a ser seus amigos.

O Senhor prometeu ajudar-nos, quando compartilhamos o evangelho. Ele prometeu que, se depositarmos nossa confiança nele e erguermos nossa voz, “naquela mesma hora, sim, naquele mesmo instante, ser-vos-á dado o que falar”. (Vide D&C 100:5-8.)

Convidar Alguém para Conhecer os Missionários

Tenho medo de convidar não-membros para falar com os missionários, porque:

“Eles poderão dizer não.”

“Não sei como eles reagirão aos missionários.”

“Todos poderiam ficar pouco à vontade.”

Embora estivesse nervosa em relação ao assunto, decidi convidar alguns amigos para nossa noite familiar. Pedimos aos missionários que se juntassem a nós. Esperávamos que, com essa experiência, nossos amigos soubessem que os missionários são rapazes normais, com entusiasmo pela vida e um genuíno interesse pela felicidade daquela família.

Depois de conversarmos e tomar refrescos, o assunto chegou a uma calma discussão sobre o evangelho. Uma hora e meia depois, nossos vizinhos — ainda nossos amigos — saíram com um exemplar do Livro de Mórmon no qual estava escrito nosso testemunho.

Outras experiências aconteceram nas semanas finais do curso para membros missionários. Cada experiência ensinou-me uma grande lição: Meus receios não precisam realmente impedir-me de compartilhar o evangelho com outras pessoas. Aprendi que, se estiver em espírito de oração e preparada, o Senhor abençoar-me-á com confiança. E agora estamos desfrutando com maior frequência dos sentimentos maravilhosos de alegria e gratidão que surgem, quando compartilhamos o evangelho. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Em 3 Néfi 19, lemos que alguns nefitas oraram a Jesus. É correto orar a ele?



*Beth T. Spackman,
professora do seminário,
Midnapore, Alberta, Canadá.*

No Sermão da Montanha, Jesus deu instruções específicas sobre a quem deveríamos orar: “Pai Nosso, que estás nos céus” (ver Mateus 6:5-13). Ele deu instruções semelhantes aos nefitas (ver 3 Néfi 13:5-13). O nome do Pai é sagrado. É a ele que devemos orar, pedindo que se faça a sua vontade. Durante seu ministério, tanto no Velho Mundo como no Novo, Jesus, nosso padrão, também orou ao Pai.

Em 3 Néfi, capítulo 19, entretanto, lemos que os discípulos de Jesus oraram diretamente a ele (ver versículos 18, 24-25, 30). A chave para esse comportamento incomum talvez esteja no versículo 22,

no qual Jesus explica que “oram a mim *porque estou com eles*” (grifo nosso). Jesus fez esse comentário, enquanto orava ao Pai pelo bem-estar de seus discípulos (ver versículos 19-23).

Aparentemente, enquanto Jesus estava com eles, orar a ele era aceitável.

O Élder Bruce R. McConkie explicou claramente qual deve ser o nosso relacionamento com cada membro da Deidade, salientando que membros mal orientados da Igreja podem “começar a orar diretamente a Cristo, devido a um tipo especial de amizade que sentem ter surgido” com ele. Isto está errado, diz o Élder McConkie. Devemos orar diretamente ao Pai, e ele responderá às nossas orações, quando achar conveniente. Não devemos escolher um membro da Deidade para um relacionamento especial. O Élder McConkie também salienta que devemos ter reverência por todos os membros da Deidade.

Da mesma forma, não oramos ao Espírito Santo, embora possamos pedir-lhe dons especiais — como os dons das línguas, conforto, conhecimento ou memória. Devemos sempre orar ao Pai. Ele é Dirigente, o Ser Supremo, o Poder Máximo.

Ao pensarmos em nosso relacionamento com Cristo e nossas orações ao Pai, talvez fosse proveitoso pensarmos na nossa vida pré-mortal. O plano do Pai foi apresentado, para que dêssemos nosso voto de apoio. Lúcifer queria o poder e a glória para si, mas Cristo, em sua sabedoria e humildade, percebeu que a honra e a glória deveriam ser do Pai. Por essa razão, disse ele: “Quando orardes, dizei: Pai Nosso que estás nos céus.” (Lucas 11:2.) □

A cada primavera, reservo uma boa parte do espaço de minha horta para plantas trepadeiras ou rastejantes — abóbora, tomates, pepinos e, especialmente, melões. Eles são os meus preferidos, e, assim, tenho um cuidado especial para escolher um bom local e preparar bem o solo. Logo que o tempo e o solo chegam à temperatura ideal, planto as mudas ou sementes e, a partir daí, as examino quase diariamente — regando, limpando, esperando as primeiras folhas, as primeiras flores, o primeiro fruto.

Uma das primeiras lições que aprendi com a horticultura é que muitas dessas plantas se espalham por grandes distâncias em todas as direções; além disso, são trepadeiras. Certo ano, meus pés de abóbora subiram por uma cerca e penetraram nas macieiras de meu vizinho. Naquele outono, havia grandes abóboras alaranjadas penduradas entre as maçãs vermelhas.

Noutro ano, plantei uma variedade de abóbora-moranga

grande. As parras cresceram para além da cerca e produziram algumas abóboras enormes no terreno vazio que se limita com o nosso. Quase arruinei as costas, passando as abóboras enormes por cima da cerca na época da colheita.

São plantas de qualidades interessantes. Elas podem espalhar-se pelo solo a grandes distâncias. Conseguem subir em cercas e árvores. Mas a extensão das parras não pode exceder a capacidade das raízes de fornecer água e nutrientes. E as parras só crescem até atingir a altura dos objetos aos quais se prendem.

REFLEXÕES

Larry Hiller

Plante uma abóbora-moranga num campo aberto, e com água e sol suficientes, e fertilizante e tempo, ela se espalhará por grande distância. Se atingir um monte de lixo, subirá por ele, mas não chegará a uma altura maior. Ela pode subir por um toco de árvore, ou um carro abandonado, mas não alcançará altura maior.

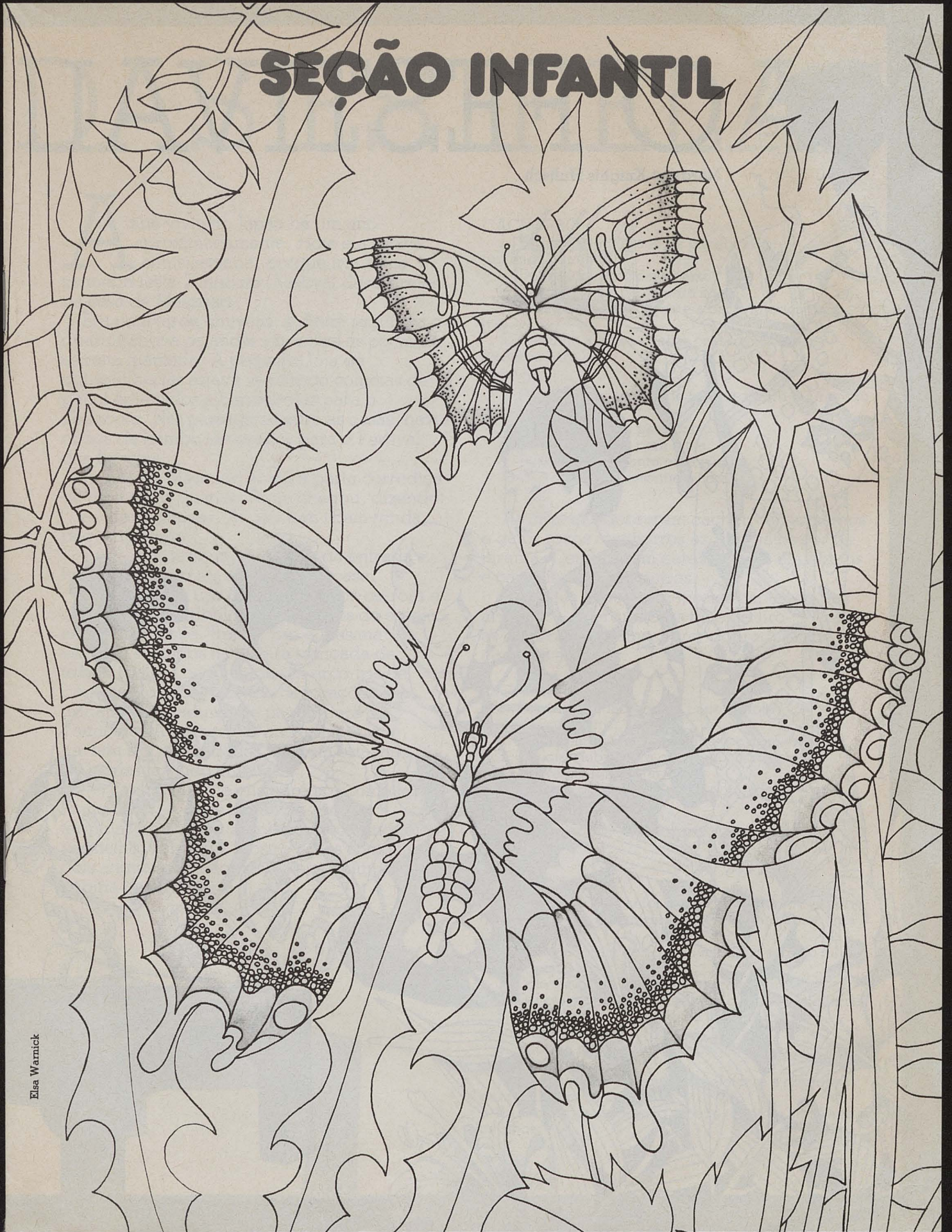
De certa forma, as pessoas são como essas plantas trepadeiras ou rastejantes. Não podemos crescer mais do que nossas raízes o permitirem. Não podemos atingir altura superior do que as coisas às quais nos prendemos. Se colocarmos nosso coração nas coisas do mundo, em tesouros terrenos, nossa alma tornar-se-á terrena.

Mas, se nos apegarmos firmemente ao Evangelho de Jesus Cristo, se estivermos firmemente enraizados em suas doutrinas e ordenanças, e formos aquecidos pela luz do Espírito e alimentados pela água viva — nosso crescimento para o alto poderá não ter limites e daremos muitos frutos. □



TREPADEIRAS

SEÇÃO INFANTIL



O FESTIVAL D

Margaret Knights Hultsch



Yvonne Wright

L DAS ESTRELAS

Anne vivia no Japão há um ano aproximadamente. Hoje ela estava entusiasmada, porque iria à sua primeira festa *Tanabata* (Festival das Estrelas) na casa de Masanari.

Era uma tarde chuvosa, e Anne segurava o guarda-chuva ao andar por entre as poças na estreita alameda. A pequena loja de quinquilharias estava vendendo cometas de papel enfeitados e bandeirolas para o *Tanabata*. Nas passagens entre as casas, havia ramos de bambu decorados para o Festival das Estrelas.

A mãe de Masanari abriu a porta corrediça da casa deles quando Anne chegou, dizendo: — Irasshaimase, Anne-chan (Bem-vinda, pequena Anne).

Anne sentou-se num degrau da entrada e tirou as botas antes de entrar na casa.

Então calçou uns chinelinhos cor-de-rosa e correu pelo vestibulo. Seus amigos da escola estavam todos lá. Keiko, Jiro e Masanari estavam sentados na esteira trançada de *tatami* (palha) no meio de um arco-íris de papéis coloridos, fazendo decorações de origami (dobraduras de papel) para o *Tanabata*. Algumas das outras mães que haviam sido convidadas também estavam ocupadas fazendo enfeites.

— Venha, nós lhe ensinaremos como fazer, Anne-chan — disse a mãe de Jiro, ao terminar de dobrar um pequeno caranguejo vermelho. Primeiro, mostrou-lhes como fazer dois animais conhecidos. (Veja a última página desta história.)

CACHORRO

1. Pegue um quadrado de papel e dobre-o, juntando os cantos.
2. Dobre um canto para baixo.
3. Dobre o outro canto para baixo.
4. Dobre a parte superior e a parte inferior para trás.
5. Desenhe algumas linhas com um lápis para formar a cara.

GATO

1. Pegue um quadrado de papel e dobre-o juntando os cantos.
2. Dobre as pontas para baixo.
3. Dobre um canto para cima.
4. Dobre o outro canto para cima.
5. Vire o papel e desenhe a cara.

As crianças dobraram cachorros vermelhos e gatos roxos, cachorros azuis e gatos cor de laranja. Desenharam caras alegres em alguns e caras ferozes em outros.

— Vocês já ouviram insetos cantando nas árvores? — perguntou a mãe de Jiro. — São as cigarras. Podemos fazer dobraduras de cigarras também.

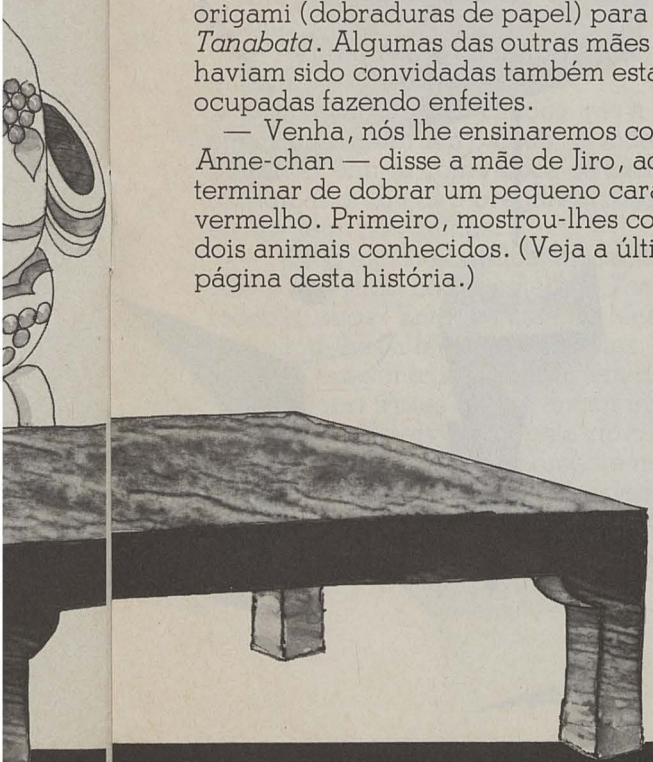
CIGARRA

1. Pegue um quadrado de papel e dobre-o, juntando os cantos.
2. Dobre para cima a aba superior primeiro.
3. Depois, dobre para cima a aba inferior.
4. Agora ela fica assim.
5. Vire-a e dobre para trás os dois lados.

— Observem-me dobrar um elefante — disse Jiro.

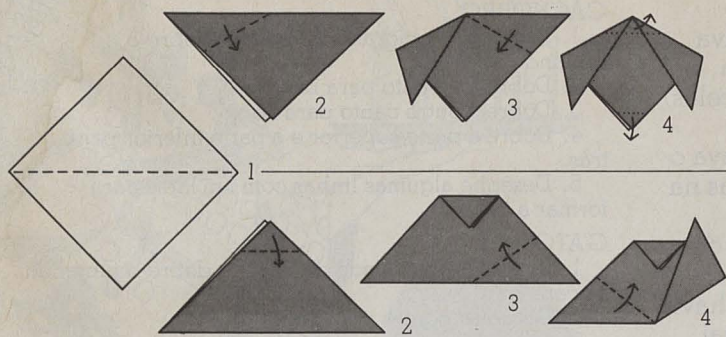
ELEFANTE

1. Dobre os dois cantos de um quadrado de papel, de modo que se encontrem no centro para obter uma forma de pipa.
2. Dobre a forma de pipa ao meio, no sentido do comprimento.
3. Dobre a ponta mais longa para a frente.
4. Depois, dobre-a para trás em direção à esquerda.
5. Abra o canto de dentro da borda superior e desdobre-o para trás.
6. Dobre a metade superior para baixo e para trás da figura.
7. Abra a ponta da tromba do elefante e dobre-a para dentro de si mesma.
8. Recorte as pernas e o rabo, e desenhe as presas e os olhos.

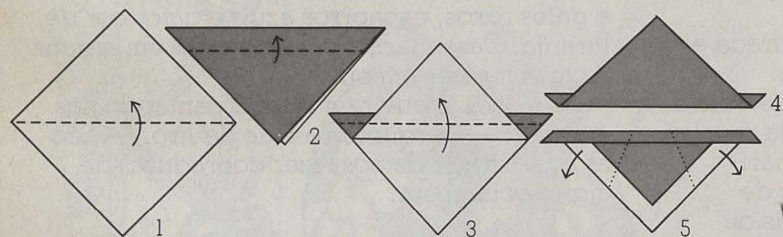


Nota: Embora o ideal seja que as figuras em origami sejam feitas em papel especial para dobraduras, que é colorido de um lado e branco do outro, elas também podem ser feitas com qualquer papel leve. Siga as ilustrações cuidadosamente; as linhas pontilhadas mostram onde as dobras devem ser feitas.

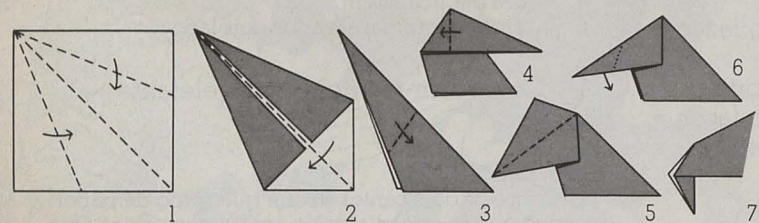
CACHORRO



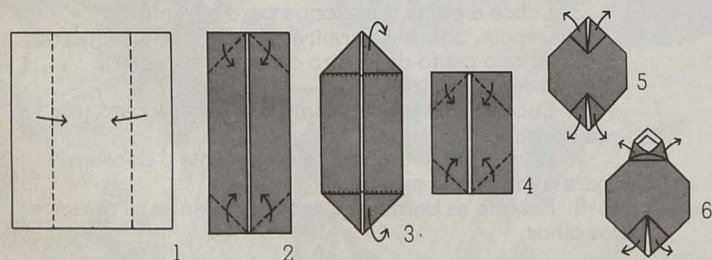
GATO



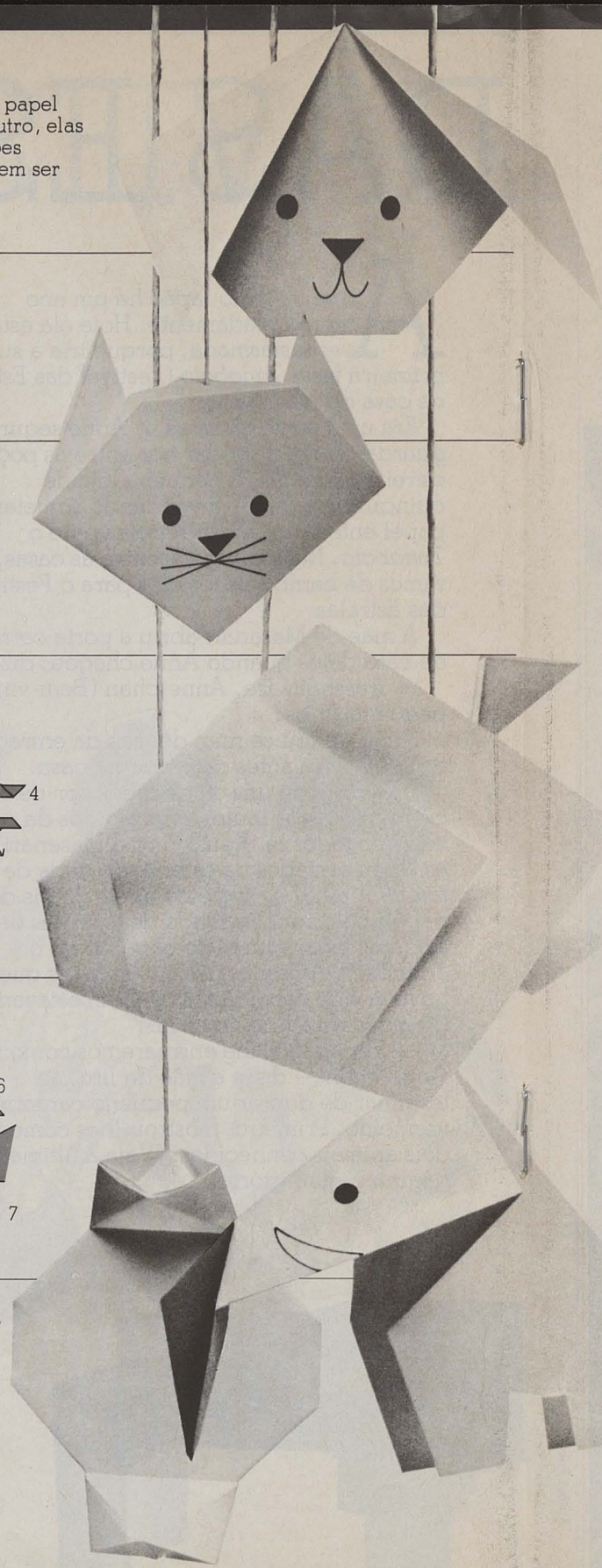
CIGARRA



ELEFANTE



LANTERNA



— Olhe minha lanterna — disse Keiko.

LANTERNA

1. Dobre os dois lados de um pedaço de papel retangular, até que se encontrem no centro.
2. Dobre cada canto para a frente, em direção ao centro.
3. Dobre as pontas para trás.
4. Dobre cada canto para frente novamente e depois vire o papel.
5. Empurre cuidadosamente a ponta superior para cima e a ponta inferior para baixo e abra-as.

— A mais famosa dobradura de todas é o grou sagrado — disse a mãe de Jiro, enquanto pegava um quadrado de papel dourado. — O grou é um belo pássaro branco com crista vermelha e asas com as bordas pretas. Ele vem para nossas ilhas todo verão. Para os japoneses significa vida longa e felicidade.

Seus dedos habilidosos se moviam tão depressa, que Anne não conseguiu acompanhar as minúsculas e complicadas dobraduras. Logo estava pronta uma criatura delicada com graciosas asas estendidas.

Ela colocou o encantador pássaro na palma da mão e deu-o a Anne. — Este é o *orizuru* ou grou em dobradura — disse ela.

Keiko também trabalhava muito depressa e sabia fazer muitas dobraduras. Logo tinha uma pilha de figuras em origami enchendo o colo.

— Venha, Anne-chan, pegue algumas das minhas, — disse ela.

Grous, tartarugas, canoas, rãs e lanternas em origami cobriam o chão. A mãe de Masanari entrou com ramos de bambu e ajudou as crianças a pregarem suas criações em origami nos galhos.

— Estão mesmo bonitos! — exclamou. — Não é divertido poder celebrar *Tanabata* todos os anos? Então, a mãe de Masanari contou-lhes a lenda das estrelas.

“Lá em cima no céu, existem duas estrelas tristes que se amam muito, mas estão separadas pelo rio celeste, a Via Láctea. Somente nessa única noite do ano, elas podem atravessar a Via Láctea para encontrar-se.

No entanto, se chover, então a Via Láctea fica inundada, e as pobres estrelas solitárias não poderão encontrar-se”, concluiu, inclinando a cabeça com tristeza.

Anne ouviu a história quietinha, e lembrou-se das poças de água na alameda e de seu guarda-chuva secando na entrada da casa.

— Acho que está chovendo — disse melancolicamente.

— Mas podemos ter esperança de que pare, não podemos? — disse a mãe de Jiro, conduzindo todos para o jantar.

Eles sentaram-se em almofadas no chão forrado de *tatami*, em volta de uma mesa baixinha, laqueada. Para as mães havia os *hashi* (pauzinhos) para comer. Para as crianças havia *hashi* e colheres.

Foram servidas tigelas com hadoque e arroz, sopa de peixe, *tofu* (coalhada de soja), *sashimi* (atum cru) e saladas em conserva. Algas marinhas e abacaxi picado e punhados de doces de arroz foram servidos como sobremesa.

Estava escuro agora, e quando as crianças correram para fora da casa, Masanari gritou: — Parou de chover! Parou de chover!

— Agora, afinal, as estrelas podem encontrar-se! — gritou Keiko.

Havia fogos de artifício verdes, azuis e brancos para todos. Com a ajuda das mães, as crianças acenderam as estrelinhas e fizeram-nas girar no escuro, fazendo círculos e espirais, enquanto riam e falavam.

Quando os fogos de artifício acabaram, pegaram seus ramos *Tanabata*. Segurando-os acima da cabeça, fizeram-nos tremular vagarosamente no céu noturno, enquanto cantavam uma música de despedida.

— A festa acabou, nosso Festival das Estrelas está encerrado — disse a mãe de Masanari.

Masanari não poderia deixar a noite terminar assim. — Vamos acompanhar todos até em casa — ele implorou.

Quando chegaram ao apartamento de Anne, todos se inclinaram e disseram: — *Oyasuminasai* (Boa Noite. Por favor, descanse). □

HELAMÃ

E OS DOIS MIL JOVENS DE FÉ

Pat Graham

E até aquela data eles ainda não haviam pelejado. Não obstante, não temiam a morte e mais pensavam na liberdade de seus pais do que em suas próprias vidas; sim, eles tinham sido ensinados por suas mães que, se não duvidassem, Deus os livraria. (Alma 56:47.)





Helamã, filho de Alma, o Filho, era chefe do exército nefita.

Aproximadamente em 62 AC, Helamã escreveu uma carta ao

Capitão Morôni, contando-lhe a respeito dos jovens fiéis e valentes que ele havia comandado em batalha. Chamava a esses dois mil guerreiros de seus "filhos", por causa da juventude deles e de sua afeição por eles. (Ver Alma 53:20-21; 56:46.)

Embora esses filhos de Helamã nunca tivessem combatido antes, não tinham medo. Suas mães amonitas haviam-lhes ensinado que seriam protegidos, se tivessem fé em Deus e obedecessem a seus mandamentos.

Se tivermos fé em Deus e guardarmos seus mandamentos, também poderemos ser protegidos. Talvez não tenhamos de lutar com espadas, mas podemos ser ajudados ao "lutarmos" para ser justos.

Instruções: Leia as afirmações a respeito dos filhos de Helamã, depois numere as gravuras de acordo com a história. Leia mais a respeito de Helamã e os filhos dos amonitas, em Alma 53-58.

1. Quando o povo de Amon se converteu à

Igreja, prometeu a Deus que não entrariam em batalha (ver Alma 24:6, 18).

2. Quando foi necessário lutar, seus jovens filhos disseram que lutariam pela liberdade em lugar de seus pais. Acreditaram nas palavras de suas mães e tiveram fé em que Deus os protegeria e os ajudaria (ver Alma 53:16-18; 56:47).

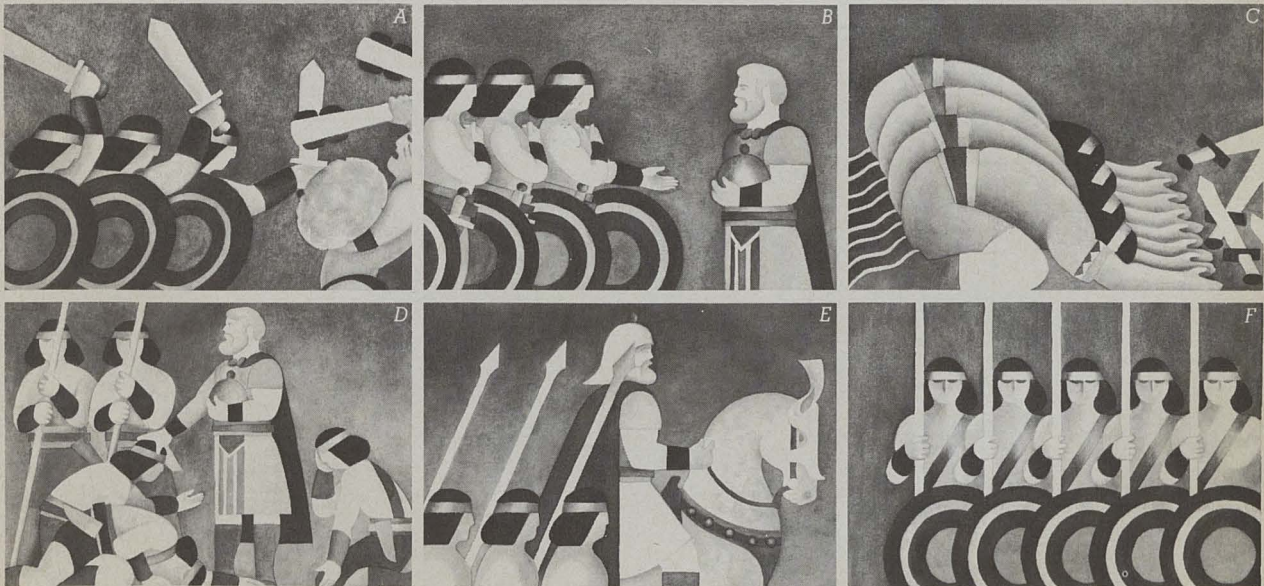
3. Eles pediram a Helamã, filho de Alma, o Filho, que fosse seu comandante. Helamã amou esses jovens e os chamou de filhos (ver Alma 56:1-10, 46).

4. Helamã disse que os comandaria. Ele sabia que eram corajosos e "fiéis em todas as ocasiões e em todas as empresas que lhes fossem confiadas" (ver Alma 53:20).

5. Os jovens obedeceram às ordens de Helamã e lutaram bravamente. Finalmente, foram vitoriosos (ver Alma 57:21-22).

6. A batalha foi violenta, e muitos soldados morreram. No entanto, embora todos eles saíssem feridos, nem um só dos dois mil jovens sob o comando de Helamã morreu. Helamã disse que seus filhos foram protegidos pelo poder de Deus, por causa de sua maravilhosa fé nele (ver Alma 57:25-26). □

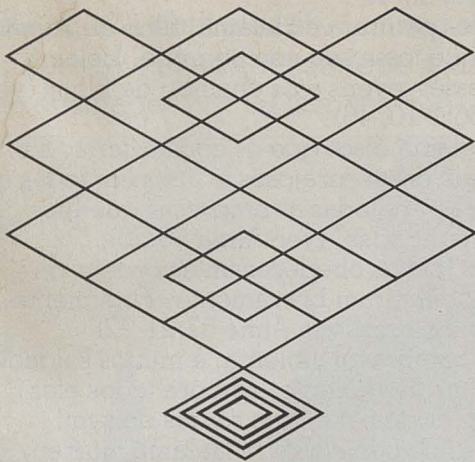
Ilustração de Timothy Sheppard



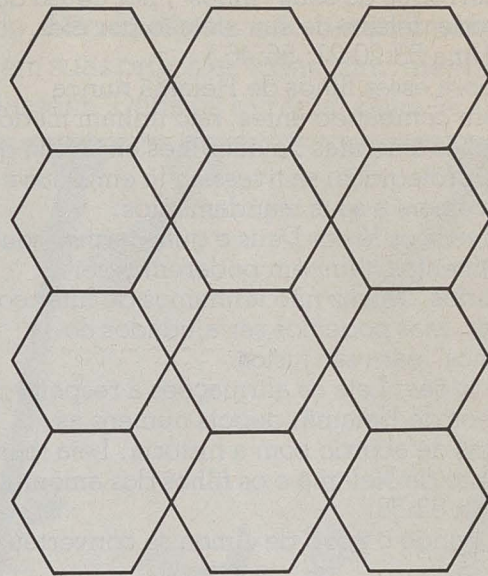
Respostas: 1 C, 2 F, 3 B, 4 E, 5 A, 6 D

QUEBRA-CABEÇAS

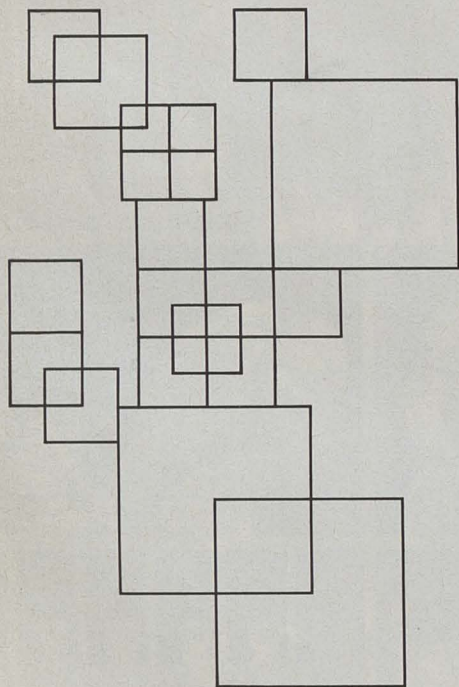
Rich Latta



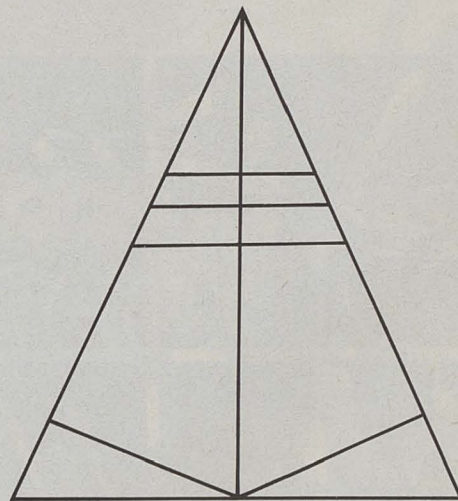
Quantos losangos você consegue contar?



São 12, 15 ou 18 hexágonos
(figuras de seis lados)?



Você consegue contar todos os quadrados?



Quantos triângulos, 12, 14 ou 16?

Respostas: 39 losangos; 15 hexágonos; 29 quadrados; 16 triângulos.



POR QUE
PEDIMOS ÀS
PESSOAS QUE
LEIAM
O LIVRO
DE
MÓRMON

Jay E. Jensen

Uma experiência que se repetiu várias vezes durante meu tempo de presidente de missão e depois de presidente de ramo no Centro de Treinamento Missionário, confirmou-me a veracidade da afirmação de Joseph Smith, de que o Livro de Mórmon “é o livro mais correto da terra e a pedra fundamental de nossa religião e que, seguindo



seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro". (Introdução ao Livro de Mórmon, edição de 1981.) De tempos em tempos, um de meus missionários sentava-se comigo, e nossa entrevista era mais ou menos assim:

— Presidente, parece que perdi meu entusiasmo com relação a meu trabalho missionário ultimamente. Também não me sinto com muita espiritualidade.

— Procure contar-me o que vem sentindo — pedia eu.

— Ora, simplesmente não me sinto seguro, incentivado ou entusiasmado em relação ao trabalho.

— Faz tempo que se sente assim?

— Mais ou menos há três semanas.

— Aconteceu alguma coisa particular sobre a qual precisemos conversar?

— Não, presidente. Estou cumprindo todas as regras da missão. Levanto-me na hora. Leio as escrituras diariamente. Estou lendo o Velho Testamento agora. Faço minhas orações. Meu companheiro e eu nos damos muito bem. Realmente, não consigo pensar em nada que me fizesse sentir deprimido.

— Você está lendo o Livro de Mórmon como parte de seus estudos das escrituras?

— Não.

Então eu dizia: — Gostaria de

que você tentasse uma coisa durante várias semanas e depois me telefonasse. Além do seu estudo regular no Programa Missionário de Estudo do Evangelho, procure *ler e estudar* pelo menos um capítulo do Livro de Mórmon por dia.

Duas semanas depois, o missionário me telefonava, contando que as coisas estão bem e que ele voltou a sentir o entusiasmo espiritual que pensara ter perdido.

O Mais Eficiente Instrumento Missionário

A relação singular entre o sentimento de espiritualidade dos missionários e o estudo do Livro de Mórmon não me surpreende. O Élder Boyd K. Packer salientou que "o desenvolvimento espiritual está intimamente ligado ao conhecimento das escrituras, nas quais se encontram as doutrinas". ("Arbitrio e Controle", *A Liahona*, julho de 1983, p. 108.) E em nenhuma outra parte a doutrina é ensinada tão clara, tão dramática, nem tão eficientemente como no Livro de Mórmon. O Élder Bruce R. McConkie afirmou que Deus "colocou em nossas mãos o instrumento missionário mais eficiente, compulsivo e persuasivo jamais dado a qualquer povo em qualquer época. O nome desse instrumento é o Livro de Mórmon." (Conferência Geral, abril de 1961.)

As circunstâncias miraculosas que envolveram a elaboração, preservação e tradução do Livro de Mórmon são por si mesmas um belo testemunho da importância do livro e sua mensagem. Na descrição do Livro de Mórmon que se encontra em Doutrina e Convênios 20:8-16, o Senhor dá as razões pelas quais vale a pena ler o livro. Este livro maravilhoso contém a plenitude do evangelho, testifica da veracidade de outra escritura, e mostra que Deus inspira os homens, hoje, a fazerem um trabalho sagrado, exatamente como em tempos antigos. O Livro de Mórmon é a medida-padrão dos requisitos para a exaltação daqueles que recebem o livro e obedecem a seus ensinamentos — e para a condenação daqueles que o rejeitam.

Mas isso não é tudo. O próprio prefácio do Livro de Mórmon acrescenta que ele é uma mensagem para Israel, que Deus não esqueceu seu povo nem suas antigas promessas. O propósito mais importante do livro, como se afirma no prefácio, talvez seja "convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS é o CRISTO, o DEUS ETERNO".

A Pedra-Chave do Testemunho

A eficácia do Livro de Mórmon como testemunha da existência de Deus e da divindade de Cristo é

baseada, em parte, na sua própria existência, que não pode ser explicada sem referência ao poder de Deus. O Livro de Mórmon representa a pedra-chave desta obra dos últimos dias, a pedra que sustenta todas as outras no arco. Se essa pedra for removida, o arco cai. Com a pedra-chave do testemunho do Livro de Mórmon colocada firmemente no lugar, vem a certeza de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a igreja de Deus, de que Joseph Smith foi um profeta, de que a revelação moderna orienta a Igreja, e de que Deus hoje, como nos tempos antigos, é um Deus de milagres.

Conforme afirmou Joseph Smith, uma pessoa pode aproximar-se mais de Deus lendo o Livro de Mórmon do que com a leitura de qualquer outra obra. E isto é verdade. Há grande motivação e poder santificador nas palavras do Livro de Mórmon. Alma sentiu o mesmo que muitos dos nossos missionários sentem hoje, quando mudam vidas pelo poder da palavra de Deus. Alma foi “entre seu povo, ou o povo de Néfi, *pregar a palavra de Deus* e fazer com que ele se lembrasse de seus deveres, a fim de que pudesse, pregando-lhe *a palavra de Deus*, abater todo o seu orgulho, artimanhas e contendas, porque não via outro modo de reformá-lo senão pela força de um testemunho puro contra ele”. (Alma 4:19; grifo nosso.)

Compreender a Doutrina

Faz algum tempo, eu estava em uma reunião com várias Autoridades Gerais. Um desses irmãos lançou a pergunta: “O que acham que nos motiva a fazer o que fazemos na Igreja, como por exemplo, pagar o dízimo, comparecer às reuniões, ser honesto, aceitar chamados na Igreja?” Eles concluíram que a motivação decorre da compreensão da doutrina. Alma também descobriu a verdade disso: “Ora, como a *prédica da palavra* fazia com que o povo tivesse uma grande tendência para praticar o que era justo — sim, *(a prédica da palavra) produzia mais efeito sobre as almas do povo do que a espada ou qualquer outra coisa* que lhe houvesse acontecido — Alma pensou que seria aconselhável *experimentar a virtude da palavra de Deus*.” (Alma 31:5; grifo nosso.)

Pessoas de toda parte que buscam sinceramente a verdade, estão ouvindo a palavra de Deus. Essas palavras “silvarão até as extremidades da terra” (2 Néfi 29:2). Por meio das palavras do Livro de Mórmon, essas pessoas estão sendo conduzidas a Jesus Cristo e seu sacrifício redentor. Elas estão sendo convencidas de que Joseph Smith foi um profeta de Deus, e persuadidas de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira, e estão



procurando tornar-se membros dela.

Uma Visão Maior

Já escalaram uma montanha? Parem de vez em quando para ver os vales que ficam lá embaixo. A medida que vão mais para o alto, vocês têm uma boa visão. Quanto mais continuarem a subir, a boa visão vai ficando mais ampla. Usar a expressão *mais ampla* significa que estamos comparando as visões do nível mais baixo com o mais alto. Da mesma forma, comparado com a Bíblia, o Livro de Mórmon dá uma visão mais ampla de Jesus Cristo e de seu sacrifício expiatório. Como o Senhor afirmou, “há muitas coisas nas placas de Néfi que realmente *dão maior visão* do meu evangelho”. (D&C 10:45, grifo nosso.) No Livro de Mórmon, há doutrinas que são ensinadas com maior clareza que na Bíblia, como por exemplo, a lei da misericórdia e justiça; as doutrinas da Queda, do livre-arbítrio e redenção de Cristo; a realidade da existência de Satanás e como ele opera entre os povos e nações; os princípios da fé, esperança e caridade; o propósito e necessidade do batismo e a redenção das criancinhas; e a doutrina da Ressurreição.

É por esta razão que procuramos colocar o Livro de Mórmon nas mãos de todos aqueles que buscam a verdade. Desejamos que outras



peças também possam ter uma visão e apreciação maiores do Evangelho de Jesus Cristo. Mais importante que isso, sabemos que aqueles que lêem o Livro de Mórmon com a mente aberta, buscando a verdade, recebem sua própria revelação de Deus, confirmando a veracidade e realidade da obra dos últimos dias. “Se perguntardes com um coração sincero”, promete Morôni, “e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade (do Livro de Mórmon)”. (Morôni 10:4.)

É isso que realmente fazemos pela pessoa que busca sinceramente a verdade —

ofecemos-lhe uma oportunidade de pôr à prova a promessa de Morôni de receber sua própria revelação de Deus.

Assim, o Livro de Mórmon continua sua missão de vanguarda de ser a grande pedra-chave para milhões de pessoas que chegaram e chegarão a conhecer a obra de Deus nestes últimos dias.

O tempo tem provado que o Profeta Joseph Smith estava certo, quando disse que o Livro de Mórmon é “a pedra fundamental de nossa religião e que, seguindo seus preceitos, o homem aproximar-se-ia mais de Deus do que por qualquer outro livro”. □

TEM DE HAVER
F É

Os encorajadores e edificantes princípios da fé, esperança e caridade
aparecem repetidas vezes no Livro de Mórmon.



Arthur R. Bassett

Os três princípios eternos da fé, esperança e caridade são geralmente associados aos ensinamentos de Paulo no Novo Testamento (ver I Coríntios 13). No entanto, eles também aparecem repetidas vezes no Livro de Mórmon.

FÉ

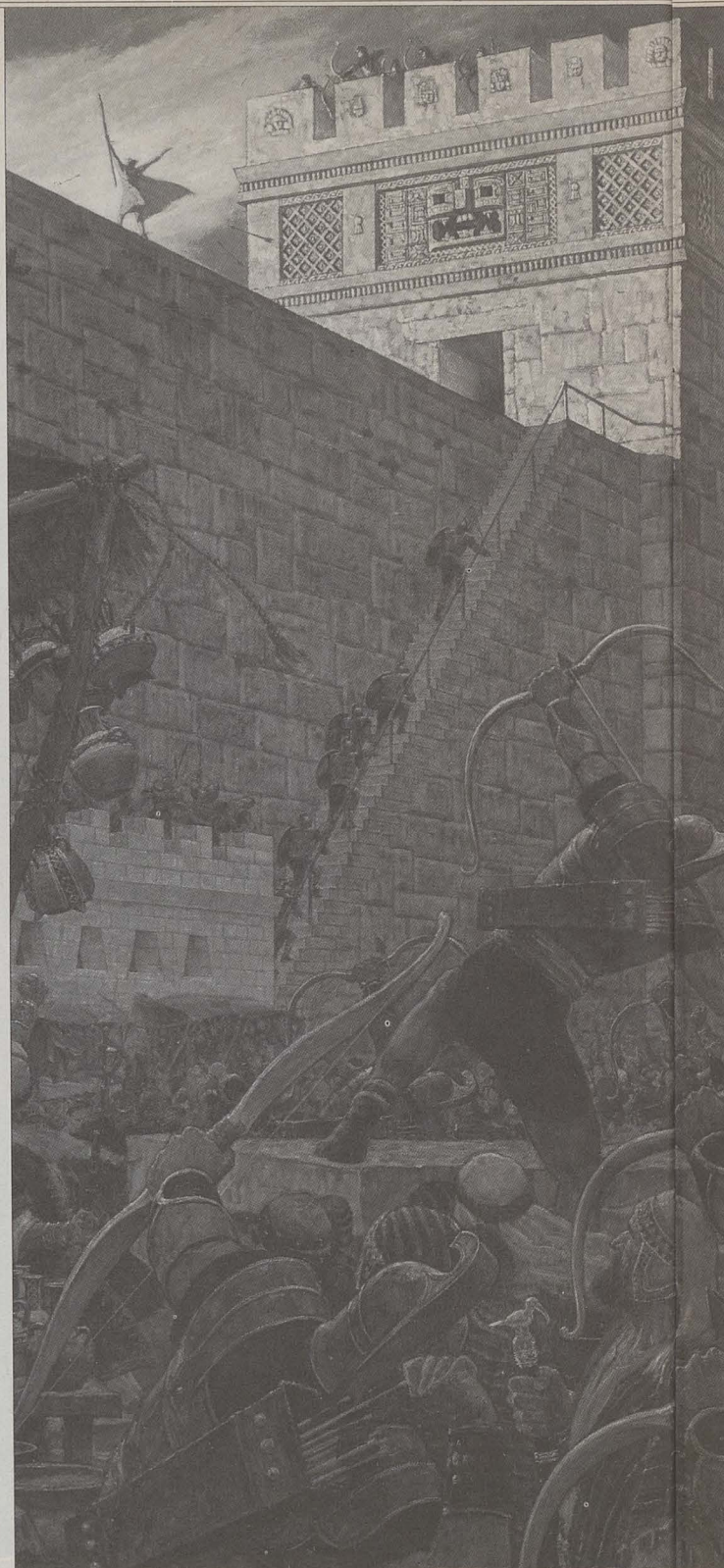
O confronto entre o Profeta Alma e o anticristo Corihor nos leva ao princípio da fé (ver Alma 30). Corihor acusa Alma de basear sua vida em uma fé que não pode provar. Ao fazê-lo, Corihor sugere que sua própria vida é baseada num alicerce mais sólido. O confronto introduz uma idéia importante que precisa ser colocada em qualquer discussão a respeito de fé.

Fico imaginando se a fé poderia jamais existir por si só, da mesma forma que o amor. Não tem sentido falar em amar sem que haja alguém ou alguma coisa para amar, assim como dizer que uma pessoa tem fé sem nenhum objeto para essa fé. A fé se dirige, geralmente, para alguém ou para alguma coisa, e todos parecem ter fé em algo. Uma pessoa pode ou não ter fé em Cristo ou em Deus, e é a isto que se referem os profetas, quando discutem o princípio; mas, ainda assim, ela teria fé em si mesma, se não em outros. Todos nós confiamos em alguém ou em alguma coisa — mesmo que seja uma vaga idéia nossa.


Para começar, comparemos a fé à confiança. Sempre que os profetas usam o termo *fé*, parece apropriado inserir as palavras “em Cristo” para obter o pleno significado de suas afirmações. Como afirmou o Profeta Joseph Smith, dirigir nossa fé para o Mestre — “fé no Senhor Jesus Cristo” — é o primeiro princípio da vida de um santo (ver 4.^a Regra de Fé). Cristo é o nosso exemplo ao nos esforçarmos para conhecê-lo e entendê-lo: ele nos mostra o caminho; incorpora toda a verdade; fornece a luz na qual o cristão opera; ele é aquele em quem colocamos nossa plena fé e confiança.

Um Sistema de Valores Baseado na Fé

Nossa compreensão aumentará, se tivermos isso em mente, ao ler o relato do confronto entre Alma e Corihor. É interessante notar que todos os argumentos de Corihor eram contra sua própria posição. Os dois



Arnold Friberg



homens tinham fé. A fé que Alma possuía estava voltada para Cristo. Corihor havia colocado sua fé em si mesmo. De acordo com Corihor, “cada um prospera segundo seu gênio e ... conquista segundo sua força”. (Alma 30:17.)

Como sugeriu Néfi, é sempre proveitoso comparar as escrituras com nossa própria vida. (1 Néfi 19:23.) Seria proveitoso examinarmos nossa própria vida ao lermos esses relatos. Em que depositamos, realmente, nossa fé? Em que ou em quem confiamos? Buscamos a felicidade por meio da participação na obra do Mestre? Ou buscamos-la em nosso emprego? Ou em nossos bens? Vivemos como Alma, ou colocamos demasiada fé em nós mesmos e nossa capacidade, independente de Cristo?

Alma tem muito a dizer sobre o significado da fé. Por exemplo, enquanto trabalhava entre os zoramitas apóstatas (ver Alma 32), ele parece sugerir que nenhum de nós chegará ao ponto de poder viver inteiramente sem fé. Parece ser um princípio eterno, um princípio que ficará conosco por toda a eternidade. Quando passarmos desta vida e estivermos na presença de Cristo, tendo um perfeito conhecimento de sua existência, nosso relacionamento com ele será determinado em parte pela fé nele. Pois o conhecimento de Cristo não é suficiente, conforme indica Tiago, quando fala a respeito dos demônios que conhecem Jesus, mas não o seguem (Tiago 2:19). Seguindo-o, porém, descobriremos como o conhecimento e a fé agem juntos.

Mesmo assim, nosso conhecimento de todos os aspectos da existência não será completo por algum tempo. “Depois de haverdes experimentado esta luz, será perfeito o vosso conhecimento? Eis que vos digo: Não. Nem deveis pôr de lado a vossa fé.” (Alma 32:35-36.)

Nenhum de nós, nem mesmo o mais instruído, chega à condição de poder agir baseado somente no conhecimento, independente da fé.

Sermões Silenciosos

Os discursos de Alma, junto com os de Morôni (Éter 12), e de Mórmon (Morôni 7), nos proporcionam uma grande compreensão a respeito do princípio da fé. Mas

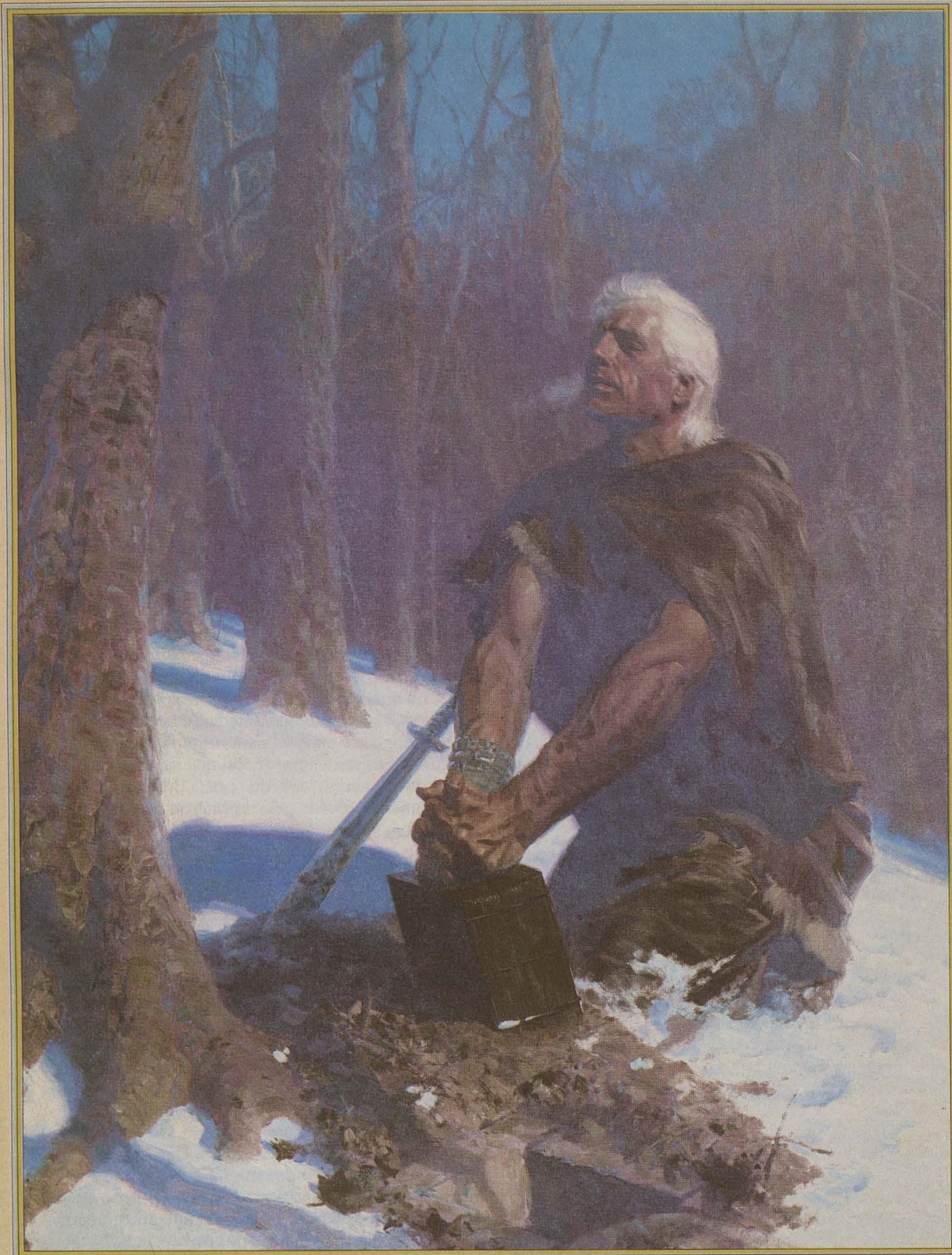
a vida de alguns homens de Deus oferece talvez uma compreensão ainda maior. Por exemplo, Morôni, o comandante das forças armadas dos nefitas durante mais de uma década de guerra. Néfi, o filho de Helamã, que recebeu poder sobre os elementos, por causa da intensidade de sua fé em Cristo. Samuel, o profeta lamanita, que voluntariamente enfrentou a morte entre os inimigos de seu povo no esforço de ajudá-los a se voltarem para Deus. Néfi, o filho de Néfi, que enfrentou desafiadoramente as ameaças de morte dos inimigos da Igreja, em cumprimento às profecias de Samuel. E o irmão de Jared continua um grande exemplo de fé, um profeta que esteve na presença do Senhor e que moveu montanhas com a energia de sua fé em Cristo.

Teorias e sermões fazem muito para explicar a fé; vidas, porém, fazem mais. O Livro de Mórmon está repleto de relatos a respeito da vida de homens e mulheres fiéis. Se nós, que somos chamados para ser santos na atualidade, meditarmos profundamente a respeito do significado dessas vidas, e nos esforçarmos por dar uma base mais sólida à nossa fé no Senhor e em seus caminhos, é improvável que façamos um estudo das escrituras, sem que nossa própria vida seja profundamente tocada pelo espírito do Mestre.

ESPERANÇA

O segundo dos três princípios — esperança — é demonstrado na vida de santos do Livro de Mórmon como companheiro da fé. Onde existe fé em Cristo, haverá também conforto e paz que ultrapassam todo o entendimento. Não há desespero, e a esperança enche a alma. Como observa Mórmon: “Como podeis ter fé, sem que tenhais esperança?” (Morôni 7:40.) Ao desenvolvermos fé em Cristo, a esperança aumenta, uma esperança que Morôni descreve da seguinte maneira:

“Portanto, todos os que crêem em Deus, podem, com segurança, esperar por um mundo melhor, sim, até mesmo por um lugar à mão direita de Deus; e esta esperança vem pela fé, e representa uma âncora para as almas dos homens, tornando-os firmes e



Tom Lovell

in
se
pr
E
u
d
o
p
M
d
m
e
el
fr
U
—
si
e
e
te
re
e
d
T
a
p
e
c
n
te
c
se
q
a
n
d
r
a
c

inquebrantáveis, sempre abundando em boas obras, e sendo levados a glorificar a Deus.” (Éter 12:4.)

As palavras de Morôni ajudam-nos a entender o princípio da esperança, que é uma segurança de Deus. Ela vem do fato de depositarmos nossa fé nele. Oferece uma fonte de segurança para a alma dos homens, a fim de que possam tornar-se firmes em seu serviço aos outros. Sua força talvez seja mais evidente no seu oposto, o desespero. Hoje, vemos pessoas em desespero por toda a parte. Sem saberem onde conseguir ajuda. Muitos de nossa geração desistiram, quer afastando-se da sociedade, quer seguindo todo pretensso novo messias que aparece. Essa fé leva logo a mais frustração e decepções. Muitos de nós conhecemos pessoas assim; elas estão à nossa volta e vemos seu rosto freqüentemente.

Um Tipo de Morte em Vida

Aqueles que perderam a fé nos outros ou em sua situação, logo perdem a fé em si mesmos. Parece que a esperança está de alguma forma relacionada com a fé em si mesmo. Sem esperança, perde-se a vontade de tentar. As instituições para doentes mentais estão repletas de pessoas assim. Sem a esperança em Deus, elas tendem a perder sua fonte de segurança, seu senso de valor. Pensam apenas em seus próprios problemas. Tornam-se incapazes de ajudar outras pessoas. Em alguns casos, nem mesmo se interessam pelos problemas dos outros. Elas sofrem de um tipo de morte em vida muito antes de suas funções orgânicas cessarem. Alguns recorrem à bebida ou às drogas, numa tentativa de escapar daquilo que eles percebem terem-se tornado.

Como isso é diferente da situação daquele que vive com esperança em Cristo! Ele tem o desejo de tomar sobre si, com a ajuda do Senhor, os fardos daqueles que o rodeiam. Encara a vida com otimismo e vê a alegria como o destino final do homem. Talvez isso nunca tenha sido visto de modo melhor que no caso de Alma, o Filho. Depois de sua vida de rebelião, repentinamente ficou incapaz de mover-se. Sofreu angústia do tormento eterno e caiu em grande desespero. Então, quando estava derrotado,

aterrorizado e só, lembrou-se das palavras de seu pai em relação a Cristo. Até mesmo o pensamento do Salvador trouxe-lhe um sentimento de paz, e ele acalmou-se interiormente:

“E eis que, tendo assim pensado, não senti mais dores; e também não fui mais atormentado pela lembrança de meus pecados.

E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor.

Sim, digo-te, meu filho, que não pode haver coisa tão intensa e tão cruciante como foram minhas dores. E digo-te ainda, meu filho, que também não pode haver nada mais agradável e doce do que foi a minha alegria.” (Alma 36:19-21.)

Quantas outras pessoas no mundo estão necessitando de uma experiência semelhante a essa? Quantos poderíamos ajudar simplesmente compartilhando as informações que temos com relação ao Mestre e à sua explicação do propósito da vida? É significativo para mim o fato de Alma usar o termo *alegria* com tanta freqüência. É uma palavra-chave no Livro de Mórmon; é um tema central em todos os evangelhos do Novo Testamento, especialmente Lucas. É uma parte importante do princípio da esperança, creio. Parece relacionado com outros conceitos, como a *paz* — aquela paz que ultrapassa a todo entendimento, que vem como um dom do Príncipe da Paz. Provavelmente está relacionada ao *conforto* prometido pelo Mestre, quando disse a seus discípulos, em Jerusalém, que não os deixaria sem consolo. Penso em todas essas coisas, quando contemplo a palavra *esperança*, usada no contexto do evangelho.

O Livro de Mórmon está cheio de relatos de pessoas que depositaram sua fé em deuses inúteis e sem sentido. Repetidas vezes foram vencidas pelo desespero, enquanto os santos sentiam-se seguros em seu bem-estar. Quase todas as formas de fatalidade humana estão registradas no livro. Contendas familiares e genocídio abundam no relato dos Jareditas, além das desavenças entre vizinhos, preconceito racial, perseguição religiosa, guerra, corrupção do governo, desastres naturais e praticamente todos os outros problemas conhecidos do homem.

Para os santos dos últimos dias em todo o mundo hoje, esses relatos devem ter significado especial. Muitos podem comparar as experiências do Livro de Mórmon com as de sua própria vida. Muitos santos no mundo inteiro conheceram pessoalmente a destruição e o terror da guerra. Alguns sofreram com contendas raciais e religiosas. Outros ainda ficaram aterrorizados e sem lar, devido a desastres como terremotos e enchentes.

O Bem Acabará Triunfando

Para aqueles que passaram por essas provações, os relatos do Livro de Mórmon são mais que palavras impressas. Eles trazem consigo esperança, paz interior e otimismo. O sentimento de bem-estar capacita os santos de Deus a enfrentarem a adversidade, sabendo que o bem acabará triunfando e que um Pai cheio de compaixão zela por eles. O desespero e pessimismo podem fazer com que outras pessoas desistam. Mas os santos sabem que todo sofrimento pode ter um propósito e não durará para sempre. Assim, continuarão a labutar, mesmo que às vezes seja, aparentemente, em condições de inferioridade absoluta.

A esperança é o espírito que hoje sustém os pais que passam por provações com filhos obstinados. É o espírito que sustém os bispos e presidentes de estaca em seus momentos de desânimo. É a força que capacita os santos dos últimos dias no mundo inteiro a encarar a vida de maneira positiva, e a esperar, com ansiedade, por um futuro com o Senhor. O relato da experiência dos nefitas com o Senhor nos faz antever a alegria que acompanhará sua segunda vinda. Podemos antever com esperança o dia em que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra, e a vida será a melhor possível.

CARIDADE

De alguma forma, talvez, a caridade seja o princípio mais importante dos três (ver Morôni 7:44). A

caridade é definida por Mórmon como “o puro amor de Cristo”. Ademais, afirma ele, “permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia bem lhes será” (Morôni 7:47). Parece que a expressão “amor de Cristo” pode ser interpretada de duas maneiras: poderia sugerir o amor *de* Cristo; e poderia também sugerir amor *a* Cristo. À medida que nos tornamos mais semelhantes a Cristo, sentindo seu amor a nós, manifestamos o seu amor participando de sua obra de serviço ao próximo.

A Virtude do Amor

Sem a caridade, sugere Mórmon, a fé e esperança perdem seu significado. Tiago, no Novo Testamento, faz a mesma observação em seu sermão a respeito da fé sem obras (Tiago 2).

Seria difícil encontrar pessoas que demonstrem amor tão perfeito quanto aquelas a respeito de quem lemos na segunda metade do Livro de Mórmon. Os pais sentirão esse amor no sermão de despedida de Alma a seus filhos (Alma 36-42). Os missionários o reconhecerão na obra missionária de Alma e em suas orações (ver especialmente Alma 31:26-35). Os líderes dos jovens o reconhecerão na carta de Helamã, quando relata suas experiências com os dois mil jovens guerreiros que passara a chamar de filhos (Alma 56-58). Os líderes da Igreja em geral, sentirão o amor que leva Néfi, o filho de Helamã, a servir seu povo apesar do desânimo. Os secretários e os que estão empenhados na obra de história da família o reconhecerão nos esforços de Mórmon e Morôni, trabalhando paciente e cuidadosamente na compilação dos registros sagrados.

Todos eles nos ensinam algo a respeito dos atributos do amor. Talvez mais eloqüente que tudo, entretanto, seja a breve descrição do Mestre em sua visita ao povo nefita (ver 3 Néfi 11-28).

Ele ensinou com compaixão. Dirigiu-se ao Pai em oração pelo bem-estar de seu povo. Chorou por causa da iniquidade de seu povo. Chorou pelos aflitos e curou os nefitas de suas tristezas. Abençoou as crianças e administrou o sacramento aos nefitas. E nessas coisas podemos começar a sentir os atributos do seu amor.

Percebemos que a vida pode ser muito mais nobre do que a sabemos ser. Talvez sintamos dentro de nós a resolução de melhorar nossa vida. Ali, no Mestre, vemos tudo somado — fé, esperança e caridade.

O Impacto do Mestre

Com um estudo cuidadoso da visita do Mestre aos nefitas, podemos chegar a entender o amor, conforme foi definido por Mórmon (Morôni 7:45). Compreenderemos um pouco melhor o que significa sofrer muito tempo pelo bem-estar de outras pessoas. Testemunhamos a gentileza e falta de inveja que devem caracterizar os santos. Observamos a verdadeira humildade. Os santos não se deixam provocar facilmente. Não pensam mal e não se regozijam na iniquidade. Aquele que ama de verdade, regozija-se na verdade, suporta todas as coisas, crê e tudo espera, e está disposto a suportar todas as coisas por causa de seu amor.

Mórmon escreveu a respeito da época que se seguiu à visita do Salvador: “E não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassínios, nenhuma espécie de lascívia; e sem dúvida, não poderia haver povo mais ditoso entre todos aqueles criados pela mão de Deus.

E não havia ladrões, nem assassinos, nem lamanitas, ou qualquer espécie de itas; pois só havia um povo, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus.

E quão bem-aventurados eram eles!” (4 Néfi 15-18.)

Enriquecer Nossa Vida

Devemos seguir o exemplo deles. E isso só se consegue fazendo como eles fizeram, desenvolvendo a fé, a esperança e, especialmente, a caridade. Mórmon nos aconselha como fez a seu próprio povo:

“Portanto, meus amados, rogai ao Pai *com toda energia de vossos corações*, para que possais ser cheios com esse amor, que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; a

fim de que vos torneis filhos de Deus e de que, quando ele aparecer, sejamos semelhantes a ele, pois o veremos como é; e que tenhamos esta esperança e possamos ser purificados como ele é puro.” (Morôni 7:48; grifo nosso.)

Ao lermos o Livro de Mórmon, podemos perguntar como desenvolver essas características. É claro que uma coisa é ler a respeito delas e discuti-las, e outra incluí-las em nosso modo de vida. É aí que começa nosso desafio. Entendê-las requer toda uma vida, na melhor das hipóteses. Adquiri-las é ainda mais difícil para muitos.

Primeiro, temos de nos conscientizar de nossa necessidade de fé, esperança e caridade. Podemos conviver e aprender com aqueles que têm esses atributos. Podemos rogar ao nosso Pai Celestial em humildade que nos ajude a tê-las de maneira mais completa. Pois esses atributos são dons do Espírito concedidos pelo Pai àqueles que honestamente os buscam. Podemos também procurar a evidência deles em nossa vida, à medida que crescemos e amadurecemos vivendo o evangelho.

Ao registrar sua despedida final, diz Morôni:

“Portanto, é preciso haver fé; e, se é preciso haver fé, também é preciso haver esperança; e se deve haver esperança, deve também haver caridade.

E sem que sejais caridosos, não podereis de forma alguma ser salvos no reino de Deus; tampouco podereis alcançar o reino de Deus sem que tenhais fé, o mesmo acontecendo se não tiverdes esperança...

Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas... e (amai) a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então sua graça vos será suficiente.” (Morôni 10:20-21, 32.)

Esta parece ser a mensagem fundamental dos nefitas para os nossos dias. Contém as verdades do evangelho no conselho de olhar para o Salvador e seguir seu exemplo de fé, esperança e caridade. □

Arthur R. Bassett é professor-assistente de humanidades na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.

“A CARIDADE NÃO BUSCA SEUS INTERESSES”

Objetivo: Aprender a amar e servir aos outros, a ninguém excluindo.

Quando lhe perguntaram: “Qual é o grande mandamento na lei?”, o Salvador respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento...”

E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:36-39.)

Pode ser um grande desafio amar outras pessoas, especialmente se elas nos magoaram ou maltrataram. Mas o mandamento é claro; o próprio Senhor nos deu o exemplo nisso, como em todas as outras coisas. O Senhor espera que possamos estender nossos braços e abrir nossos corações a todos os nossos irmãos e irmãs, a ninguém excluindo. Amar a nossas famílias e àqueles que compartilham de nossas crenças é padrões é geralmente fácil. Porém, quando devemos amar alguém a quem não compreendemos, podemos hesitar.

Christl Fechter enfrentou esse desafio e, com a ajuda do Senhor, venceu-o. Quando jovem, ela foi forçada por uma revolução política a deixar sua terra natal — que é agora a Tchecoslováquia — e a ir para a Alemanha. Ali conheceu a Igreja e foi batizada. Mais tarde, mudou-se para os Estados Unidos. Quando morava em Utah, ela foi profundamente magoada por alguém e, pela primeira vez em sua vida, sentiu ódio.

“Eu passara por todo o terror da invasão em meu país, mas nunca antes experimentara o sentimento do ódio”, diz ela. “Eu sabia que esse sentimento era errado, mas não imaginava como modificá-lo.

Certo dia, ela leu Mateus 5:43-44: “Eu... vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.”

Christl sentiu que essa passagem era dirigida exatamente a ela. “Não podia imaginar-me orando por essa pessoa, mas eu queria fazer o que o Senhor dizia, e sabia que tinha de livrar-me do ódio”, diz ela. Assim, naquela noite ajoelhou-se e orou, com os dentes cerrados, para que o Senhor abençoasse a pessoa que a magoara.

Sentiu-se um pouco melhor. Na noite seguinte, orou novamente, desta vez com sinceridade, e imediatamente sentiu o ódio abandoná-la, para nunca mais voltar. Ela descobriu que o Senhor podia derramar seu Espírito sobre ela e ensiná-la a amar tal como ele.

Na parábola das ovelhas e dos bodes, encontrada em Mateus 25:31-46, o Salvador ensina a importância de amarmos todos os que estão à nossa volta.

Uma das distinções entre os dois grupos será o tratamento daqueles que podemos considerar diferentes de nós ou que são difíceis de amar — os famintos, os sedentos, os estranhos, os nus, os doentes e os prisioneiros. Àqueles que amam e servem essas pessoas, o Senhor disse: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Sugestões para as Professoras Visitantes:

1. Relate uma experiência pessoal, quando aprendeu a querer bem alguém que não era fácil de amar. Como você desenvolveu esse amor?
2. Leiam e debatam juntas a parábola das ovelhas e dos bodes que se encontra em Mateus 25:31-46. □

(Veja materiais correlatos no *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, lições 12-16, 23-25, e a última página da lição 37.)

O LIVRO DE MÓRMON E A FAMÍLIA DE HOJE

Darwin L. Thomas

Muitas famílias de hoje estão em sério perigo. Somos alertados a que, a menos que as famílias se fortaleçam, nossa própria sociedade caminhará para o desastre.

No entanto, como santo dos últimos dias, sinto-me bastante confortado pela mensagem contida no Livro de Mórmon. Embora tenha sido escrito há muito tempo e fale de uma outra sociedade, e embora seu propósito principal seja testificar de Cristo, ainda assim ele contém uma importante mensagem sobre o que pais, mães e filhos devem fazer em seu relacionamento uns com os outros.

Por exemplo, bem no começo do livro, há uma importante lição para maridos e mulheres. Léhi e sua família haviam saído de Jerusalém, mas os filhos voltaram para buscar as placas de Labão. Tanto o pai como a mãe passaram muito tempo preocupando-se (ver 1 Néfi 5:6-7), mas Sariah chega ao ponto de *queixar-se* ao marido sobre as insuportáveis condições. É compreensível: ela não vê seus filhos há algum tempo; preocupa-se com o bem-estar deles e acha que viver no deserto é penoso — especialmente considerando todo o conforto que deixou para trás. Ela diz ao marido que tem três coisas contra ele: (1) ele está mal orientado e é um “visionário”; (2) eles perderam a terra de sua “herança” e vão “perecer no deserto”; e (3) o pior de tudo, “meus filhos já não existem” (ver 1 Néfi 5:2).

Isto parece o início de uma grande discussão, e Léhi poderia ter respondido defendendo suas ações, e depois recriminar Sariah.

No entanto, embora o padrão de argumento e contra-argumento possa ser o que esperávamos, Léhi responde à sua esposa,

oferecendo-lhe conforto. Ele reconhece que é um “visionário”. Depois, confirma que seguiu os mandamentos do Senhor, quando mandou os filhos de volta apanhar as placas, mas que sabe que o Senhor o está orientando, que Deus realmente lhe prometeu uma herança maior do que a que haviam deixado, e que, se tivessem ficado em Jerusalém, teriam perecido, e que ele tem fé em que Deus lhe protegerá os filhos.

Em outras palavras, o Livro de Mórmon nos aconselha claramente que o que um cônjuge deve fazer quando o outro se queixa é oferecer-lhe conforto, e não de defender-se ou contra-atacar. *Quando as pessoas se queixam, elas precisam de conforto.* E o melhor tipo de conforto para maridos e esposas santos dos últimos dias é o conhecimento da orientação do Senhor e fé na proteção dele. Se essa regra tão simples fosse seguida nas famílias SUD, os filhos

Embora tenha sido escrito há muito tempo e fale de uma outra sociedade, o Livro de Mórmon contém uma importante mensagem sobre o que pais, mães e filhos devem fazer hoje.



Arnold Friberg



Fotografia de Walden Anderson

O exemplo da conversão do Rei Lamôni é a história de uma esposa amorosa que tinha fé no marido e se preocupava com seu bem-estar.



Ronald Crosby

veriam que os pais resolvem os conflitos reafirmando a crença fundamental em Deus e mostrando sua preocupação pelos outros, em lugar de procurarem defender seu próprio comportamento. E isso funciona! Quando oferecemos conforto a alguém que amamos, essa pessoa responde, devolvendo-nos um conforto muitas vezes multiplicado.

A Fé que uma Esposa Depositava no Marido

Enquanto o exemplo de Léhi e Sariah demonstra a preocupação do marido pela esposa, o exemplo da conversão do Rei Lamôni é a história de uma esposa amorosa com fé em seu marido e preocupada com seu bem-estar.

Se vos lembrais, Amon, o grande missionário, filho do Rei Mosiah, foi pregar aos lamanitas e conseguiu converter o Rei Lamôni. O rei, vencido pelo Espírito, caiu por terra, e seu povo pensou que estivesse morto. No entanto, a rainha acreditou em que ele continuava vivo e suplicou a Amon que fosse até o rei e visse o que poderia fazer.

Amon assegurou-lhe que tudo estaria bem, e depois perguntou à rainha se acreditava nele. Ela respondeu que só tinha a palavra dele — “não obstante, acredito que seja como dizes”. (Alma 19:9.) Amon abençoou-a por causa de sua grande fé.

A rainha então velou por seu marido a noite inteira e no dia seguinte. Quando ele despertou, estendeu-lhe a mão e disse: “Abençoado seja o nome de Deus e bendita sejas tu.” (Alma 19:12.)

Como o Rei Lamôni, muitos maridos de hoje comportam-se como se estivessem espiritualmente

mortos. As esposas desses maridos podem achar conforto e força no exemplo da rainha lamanita que acreditou em seu marido, buscou conselho de uma fonte espiritualmente confiável e, com grande devoção, velou por ele durante longas noites escuras.

O Dever de Ensinar

O Livro de Mórmon está cheio de exemplos de princípios relativos ao relacionamento entre pais e filhos. Néfi refere-se à sua “boa família” e ao fato de ter sido “instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai”. (1 Néfi 1:1; grifo nosso.)

Enos dá-nos mais informações a respeito da ligação que há entre bons pais e ensino. “E eis que eu, Enos, sei que meu pai foi um varão justo, pois me instruiu em seu idioma e também no saber

e na advertência do Senhor — e bendito seja o nome de meu Deus por isso.” (Enos 1.)

Nesses exemplos, e em muitos outros encontrados no Livro de Mórmon, fica óbvio que pais “justos” e “bondosos” devem ensinar seus filhos. Todavia, o que os pais devem ensinar aos filhos? Os pais naqueles dias de outrora, ensinavam línguas, história e boas normas de conduta; mas o livro nos faz saber que a lição mais repetida foi a respeito da divindade de Cristo e do sacrifício expiatório.



Fotografia de Marry Mayo

A instrução de Alma a seus filhos sobre a importante missão de Jesus Cristo tem valor especial para nós, hoje, devido à maneira como ele o fez. A Helamã, diz ele: “E agora, ó Helamã, meu filho, eis que estás na juventude; peço-te, portanto, que *ouças as minhas palavras e aprendas de mim.*” (Alma 36:3; grifo nosso.) O propósito de Alma é ensinar sobre Jesus Cristo e o sacrifício expiatório, mas ele o faz ensinando seu filho sobre si próprio — sobre sua própria conversão e redenção do pecado. Se pusermos isso em prática, nós, pais, ficaremos espantados e humildes, aplicando o poder tão simples da lição de Alma. Nossos filhos terão um desejo maior de seguir-nos, e nós, por nossa vez, sentiremos novamente o forte desejo de conhecer Cristo como Alma o conheceu, como nosso Salvador pessoal.

A instrução final registrada de Mórmon a seu filho é, em muitos aspectos, semelhante à de Alma. Mórmon vê o pecado terrível à sua volta e, em resposta, ensina sobre Jesus Cristo e sua expiação. Ele começa a carta a Morôni, descrevendo maridos e pais, e mães e filhos. Um dos sinais de sua total degradação era o distanciamento e perversão daquilo que é bom na família.

Depois de descrever a grande iniquidade em seu meio, Mórmon dá suas instruções finais: “Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te afluam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos... a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre.” (Morôni 9:25.)

Oxalá pudéssemos nós, pais em Sião nestes últimos dias, aprender com o registro de Mórmon! Quando nossa sociedade violentamente rejeita o mais sagrado em relação à família, temos de reunir nossos filhos à nossa volta e ensiná-los a respeito de Jesus Cristo que foi crucificado.

O Desafio dos Filhos

Se a importante responsabilidade dos pais é ensinar, qual diz o Livro de Mórmon ser a responsabilidade dos

filhos?

Léhi e seu filho Néfi nos fornecem o início da resposta a esta pergunta. Quando Néfi ouve os ensinamentos do pai sobre o Messias que viria, diz: “E aconteceu que eu, Néfi, depois de haver ouvido as palavras de meu pai... eu, Néfi, *também desejei ver, ouvir e conhecer* essas coisas pelo *poder do Espírito Santo*, que é o dom concedido por Deus a todos os que o procuram.” (1 Néfi 10:17, grifo nosso.)

Néfi ficou impressionado com os ensinamentos do pai; acredita em suas palavras, mas não se limita a crer. *Néfi deseja saber por si mesmo o que seu pai sabe.* Quer ver, ouvir e saber pelo poder do Espírito Santo. Ele ora ao Senhor, e no Espírito do Senhor é levado ao topo de uma alta montanha, onde sua oração é respondida.

Esse incidente nos ensina duas coisas. Primeiro, os filhos têm a responsabilidade de acreditar nas palavras de seus pais. Segundo, acreditar nas palavras dos pais não é suficiente; eles devem querer saber por si próprios, pela inspiração do Espírito Santo, se os ensinamentos de seus pais são verdadeiros.

Consideremos os exemplos a seguir de filhos que se converteram ao Evangelho de Jesus Cristo, lembrando-se dos ensinamentos de seus pais anos depois de lhes terem sido transmitidos.

Alma, o Filho, ensina seus filhos a respeito de Cristo, falando-lhes de sua própria redenção do pecado. A Helamã, ele descreve três dias de terrível tormento, causado pela lembrança de seus pecados, quando desejou ter sido “aniquilado em corpo e alma”. (Alma 36:15.) Naquele mesmo instante, nas profundezas do desespero, ele se lembra “de ter *ouvido meu pai* profetizar ao povo sobre a vinda de Jesus

O Livro de Mórmon dá-nos muitos exemplos da importante responsabilidade dos pais de ensinarem seus filhos em retidão.



Arnold Friberg

O Livro de Mórmon, trazido à luz por Deus para nós em nossos dias, fala aos pais com uma simplicidade que não pode ser mal interpretada.



Arnold Friberg

Cristo, um Filho de Deus, que viria expiar os pecados do mundo”. (Alma 36:17; grifo nosso.) A tristeza de Alma por seus pecados é finalmente aliviada pelo poder da redenção.

Como Alma, Enos, outro dos profetas do Livro de Mórmon, é profundamente motivado pelas palavras de seu pai. Diz ele: “Eis que saí para caçar animais na floresta; e as palavras que freqüentemente havia ouvido de

meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos penetraram profundamente em meu coração.

E minha alma ficou faminta; ajoelhando-me ante o Criador, dirigi-lhe uma fervorosa oração, suplicando-lhe por minha própria alma.” (Enos 3:4.) Depois de orar durante todo o dia e até o anoitecer, ouviu a voz, dizendo: “Enos, teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado... porque tua fé em Cristo... te salvou.” (Enos 5, 8.)

Como é significativo o fato de, no momento da conversão de Alma e de Enos, as pessoas que os ajudaram a lembrar-se de Jesus Cristo terem sido seus próprios pais, pais que lhes haviam ensinado a importância do sacrifício expiatório.

O desafio para os filhos é saber por si mesmos se o testemunho de seus pais é verdadeiro. A promessa aos filhos é que os ensinamentos justos de seus pais serão uma ajuda para eles em momentos de tribulação; e que, se eles se lembrarem de aplicar esses ensinamentos, poderão ser conduzidos a Jesus Cristo. Quando consideramos esse padrão repetido — pais ensinando filhos, e filhos seguindo Cristo — as palavras do Salvador ganham um significado maior: “O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se não o vir fazer ao Pai.” (João 5:19.)

Especialmente para os Pais

O Livro de Mórmon tem uma mensagem sensata e séria para os pais, particularmente os pais de nossa geração. Como Mórmon, vemos nossa sociedade rejeitando violentamente os valores familiares por meio do abuso dos filhos, divórcio, espancamento da esposa e pecados sexuais impudentes.

O devemos fazer? Como Alma, temos de reunir nossos filhos ao nosso redor e dizer-lhes como chegamos a nos libertar do pecado por meio do sacrifício expiatório. Como Alma e Mórmon, temos de orar incessantemente pelo bem-estar espiritual de nossos filhos. Como Léhi e Mosiah, quando nossos filhos nos perguntarem o que devem fazer com sua vida, temos de nos dirigir ao Senhor em poderosa oração, desejando conhecer seu desejo com relação às decisões de nossos filhos. Como o Rei Benjamim, temos de obedecer ao mandamento de ensinar nossos filhos. Como Léhi, temos de ensinar com todos os sentimentos de um terno pai. Como Jacó, temos de falar-lhes sobre as alegrias da vida eterna. Como Néfi, temos de ponderar as escrituras e escrever nossas próprias experiências espirituais para o benefício de nossos filhos.

Para nos defendermos contra o ataque da sociedade à família, o Livro de Mórmon aconselha: “— Pai, ensina teus filhos.” Desde as palavras de Néfi na abertura, até a carta de despedida de Mórmon, pais ensinam os filhos. Não é por acaso. Com o ensino em muitos lares SUD cabendo hoje às mães, os pais devem pensar seriamente a respeito dessa importante mensagem. Nada poderia ser mais importante. O Livro de Mórmon, trazido à luz por Deus para nós em nossos dias, fala aos pais com uma simplicidade que não pode ser mal interpretada. □

Darwin Thomas, diretor do Instituto de Pesquisa Familiar e professor de desenvolvimento infantil e de relações familiares na Universidade Brigham Young, é bispo da Ala Spanish Fork 14, Estaca Spanish Fork Utah.

Se eu não fosse mórmon" parecia ser a minha frase favorita nesse mês. Se eu não fosse mórmon, não estaria levantando às
Leeanne Askew

5h30 min da manhã, suportando 6°C e temperaturas mais baixas só para ir ao seminário. Se eu não fosse mórmon, seria mais popular na



escola, e me divertiria indo a todas as festas "de fim de semana" com amigos, e não teria de suportar todas aquelas piadas a respeito de minhas crenças religiosas. Se eu não fosse mórmon, a vida seria muito mais fácil.

Quando, finalmente, cheguei à escola naquela manhã, estava irritável, deprimida e cansada. Não estaria assim, se não fosse mórmon, pensei. Perdi o ônibus, porque paizinho gosta de orações familiares longas. E minha mãe não me pôde levar à escola, porque tinha de ir a uma reunião da Sociedade de Socorro.

Eu estava atrasada para a aula e tomei um atalho por trás da biblioteca, e aí vi meu ex-namorado com sua linda nova namorada. Nós deixáramos de nos ver, porque eu não estava querendo comprometer meus padrões. Ver os dois juntos era mais do que eu podia suportar. Corri para uma sala vazia próxima e chorei.

Finalmente cheguei à minha classe exatamente antes que a falta fosse marcada. A folha diária de avisos foi lida em voz alta, lembrando-nos do próximo fim de semana prolongado e do acampamento planejado para Entrance, uma cidade costeira aproximadamente cinco horas ao norte de Sidney, Austrália. Era exatamente disso que eu precisava. Imaginei se meus pais me deixariam ir. Não, eles não deixariam, porque eu tenho de ir à igreja no domingo e preciso participar da noite familiar na segunda-feira.

Estava tão aborrecida na aula de matemática, que calculei quanto dinheiro a mais eu teria e todas as coisas que poderia comprar, se não tivesse de pagar o dízimo.

Na manhã seguinte, o relógio me despertou às 5h30 min, como sempre. Hora de ir para o seminário, outra vez. Por que eu tinha de ir? Por que levantar às 5h30 min todas as manhãs? Então ouvi a voz alegre de minha mãe dizendo-me que, se não me levantasse logo, chegaria atrasada.

O assunto naquela manhã era "O que Joseph Smith fez por você?" A resposta era fácil. Se não fosse por Joseph Smith, eu não seria mórmon.

— Você poderia ler Doutrina e Convênios,

seção 122, versículos sete e oito, por favor? — perguntou meu professor.

Cansada, peguei minhas escrituras e comecei a ler. No início eu não estava ouvindo realmente, mas algo me fez prestar atenção às palavras.

"E se fores lançado na cova ou nas mãos de assassinos, e receberes a sentença de morte; se fores lançado ao abismo; se as vagas encapeladas conspirarem contra ti; se ventos furiosos tornarem-se teus inimigos; se os céus se nublarem tenebrosamente e todos os elementos em conjunto obstruírem o caminho; e acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a sua boca contra ti, saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem."

Engasguei com o último versículo, pois meus olhos se encheram de lágrimas: "O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?"

Alguns dias depois, eu estava de pé, na sacada do Teatro Lírico, olhando o porto de Sidney. Não conseguia lembrar-me por que me sentira tão tolhida por causa de minha religião. Meus problemas pareciam tão pequenos e insignificantes comparados aos de Jesus Cristo e Joseph Smith. Senti-me egoísta ao perguntar a mim mesma: "És tu maior do que ele?"

As luzes da cidade pareciam quase tão brilhantes quanto as estrelas lá em cima. "Sinto tanto orgulho de meu país", disse a mim mesma. "Está tão cheio de pessoas singulares e belas, e de cultura. Agradeço a Deus por nossas belas plantas, animais e pela liberdade. E sinto-me tão orgulhosa de fazer parte da sempre crescente e única igreja verdadeira do mundo."

Minha frase preferida ainda é "se eu não fosse mórmon", mas em outro sentido. Se não fosse mórmon, não teria uma família tão maravilhosa, amigos tão bons e uma compreensão tão clara do propósito da vida.

À propósito, calculei quanto dízimo paguei, e quando vejo tudo o que Deus me deu, não há comparação. □

DEUS DÁ O CRESCIMENTO

Michael Call

神叫他成長

Encontrar a capela local era a última coisa que eu tinha em mente.

Coisas como o forte calor, o alto índice de umidade e aprender cantonês eram muito mais importantes.

Lá estava eu, um missionário desanimado e com saudades de casa, que acabara de chegar a Hong Kong, e vi-me agradecendo a um homem por dar-me um endereço que eu já sabia e de que, na realidade, não precisava. E tudo isso porque eu não conseguia aprender cantonês.

Não queria que as coisas acontecessem daquela maneira. Os missionários de meu distrito estavam fazendo uma exposição de rua perto da estação de barcas Estrela de Hong Kong, exatamente quando os passageiros voltavam do trabalho para casa. Eu queria era conseguir referências e falar com as

pessoas — e tentei fazê-lo — mas com pouquíssimo sucesso.

Minha experiência no idioma cantonês — o segundo dialeto chinês mais comum — era dolorosamente óbvia. Falar com o povo chinês parecia impossível, e entender o que as pessoas me diziam parecia quase tão fácil quanto andar sobre a água. E, não

conseguindo falar nem entender, comecei a pensar que não valia grande coisa para o Senhor.

Vi o Sr. Wong exatamente quando descia os degraus da barca. Parecia um homem muito simpático. Usava um terno azul e sapatos pretos. Seus óculos escorregavam-lhe no nariz. Ainda não tirara a gravata, o que parecia muito esquisito naquele clima abafado.

Reuni toda autoconfiança que consegui nos poucos segundos que tinha. E tentei sentir-me confiante. Com uma oração rápida no coração e respirando fundo, dirigi-me a ele.

Os instrutores do Centro de Treinamento Missionário haviam-me preparado bem para situações como essa. Havia praticado fazer as perguntas de ouro e conseguir referências várias vezes. Mas toda a preparação do mundo não me

poderia ter ensinado o que estava para aprender.

— *Neih hou ma?* — perguntei.

— Bem — respondeu-me

numa língua que eu sabia ser chinês, mas tinha pouca semelhança com o que eu aprendera no CTM.

— Sou representante de A

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O senhor já ouviu falar dessa igreja?

O Sr. Wong deu sua resposta, mas — como de costume — eu



não consegui entender.

— Meu nome é Gong Jeunglough — disse eu.

— Permite que lhe pergunte seu honorável nome?

Não entendi muito o que me respondeu, apenas que seu sobrenome era Wong. Ele desenhou o sinal chinês para Wong na mão e o ergueu até

meus olhos. Sua escrita não me dizia nada, mas fingi entender.

— Posso falar-lhe alguma coisa sobre a nossa igreja? — perguntei.



Mark Buehner

A LIAHONA / JUNHO 88

45

— Não estou entendendo — disse ele. Esta foi uma das poucas coisas que eu conseguia entender. Eu usara a mesma frase várias vezes naquelas três últimas semanas.

Mostrei ao Sr. Wong a plaqueta com meu nome, para que ele lesse o nome da Igreja em chinês.

— Ah, uma igreja! — disse ele.

Sorri. — Sim, sou missionário desta igreja — expliquei, apontando para a plaqueta com meu nome. — Posso falar-lhe um pouco sobre ela?

Sua resposta foi muito longa e difícil para um missionário novo entender.

— Qual é o seu endereço? — perguntei. Decidi que pelo menos poderia tentar conseguir uma referência.

— Endereço? Você quer endereço? — ele perguntou.

— Sim. Qual o seu endereço? — Peguei minha caneta e o caderno de notas, pronto para escrever, ou pelo menos pedir a ele que escrevesse o endereço.

— Espere aqui. Voltarei dentro de alguns minutos — disse ele. Entendi claramente o que estava tentando dizer-me, graças aos gestos que fez com as mãos.

— Fique bem aqui — insisti.

— Ficarei — assegurei-lhe. E lá se foi ele, deixando-me sem a mínima idéia de onde estava indo ou por que pretendia que eu esperasse.

O Sr. Wong reapareceu na multidão de passageiros chineses uns quinze minutos mais tarde. Andava apressado — quase correndo — com um papel na mão.

Sorriu e acenou ao aproximar-se. Fui encontrá-lo.

— Aqui — disse ele, entregando-me uma página de lista telefônica em inglês. O endereço de A Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias estava circulado.

— Aqui está o endereço da sua igreja — disse ele.

Agora eu entendi. O Sr. Wong pensara que eu era um estrangeiro perdido procurando minha igreja. Perdi a confiança em mim mesmo ao agradecer-lhe pelo trabalho que tivera.

O Sr. Wong ofereceu-me a mão com um sorriso de orgulho e amizade.

— Muito obrigado — disse eu.

— Não há de quê — respondeu, e começou a afastar-se.

— Até mais tarde — disse eu. E então, numa reflexão posterior: — Posso dar-lhe isto?

Coloquei a mão no bolso do paletó e dei-lhe um folheto de Joseph Smith. Entreguei-lho com as duas mãos, e ele aceitou o presente da mesma maneira, um costume chinês.

“Pelo menos aprendi *alguma coisa* no CTM”, pensei comigo mesmo, lembrando-me de nossas aulas sobre os costumes e cultura. O Sr. Wong desapareceu na multidão.

Fui dormir naquela noite, orando por força e sucesso. Queria pregar o evangelho com todo meu coração, mas sentia grande frustração e dificuldade em aprender a falar a língua.

Passaram-se meses e, à medida que passavam, minha confiança foi aumentando. Logo fui transferido para outra área, e novos pesquisadores, novos companheiros, novas exposições de rua ocuparam minha mente.

Um ano depois, eu era líder de zona em outra parte de Hong Kong. Certo domingo, eu estava de volta à minha primeira área, resolvendo alguns assuntos da missão. Estar de volta àquela primeira

capela trouxe-me boas recordações. Alegrei-me por rever velhos amigos da ala local.

Quando as reuniões terminaram e as pessoas começaram a sair do edifício, fiquei observando, esperando encontrar mais dos meus antigos amigos. Logo meu companheiro e eu éramos as únicas pessoas no saguão.

Quando estávamos para sair, abriu-se a porta de uma sala de aulas. Arregalei os olhos, quando vi o Sr. Wong — o passageiro da Estação Estrela — surgir do vestibulo escuro!

— Sr. Wong! Como vai? — perguntei com entusiasmo.

— Sou *Irmão* Wong agora — disse ele em perfeito mandarim.

— O senhor fala mandarim? Não é de admirar que eu não conseguia entendê-lo na estação!

— E você estava falando cantonês! E por isso que eu não conseguia entendê-lo — disse ele.

Sentamo-nos e conversamos durante vários minutos. O Irmão Wong explicou-me que, depois de nosso encontro na estação um ano antes, foi para casa e leu o folheto de Joseph Smith. Disse que o leu mais por curiosidade que por qualquer outra coisa. O Espírito tocou sua alma. Telefonou para a casa da missão, pedindo mais informações, e duas missionárias começaram a ensinar-lhe o evangelho. Ele obteve um testemunho e foi batizado.

Nossa reunião foi cálida e alegre, embora nos tivéssemos visto só uma vez antes. Meu coração foi tocado, e o Espírito prestou-me testemunho do verdadeiro significado das palavras de Paulo aos coríntios:

“Eu plantei, Apolos regou; mas Deus deu o crescimento.” (I Coríntios 3:6.) □

Querido Joey:
Amanhã é o primeiro dia da oitava série em sua nova escola de primeiro grau. Quis escrever-lhe esta carta, não porque seja mais esperta que você, mas porque já passei pelo primeiro grau e sei o que irá enfrentar amanhã. Em algumas ocasiões, vai ser muito difícil fazer o que você sabe ser certo. Será como se fosse o único que acredita na Igreja. Você desejará acompanhar a maioria, porque achará que as pessoas o rejeitarão por ser diferente. Talvez pense que vão rir de você e ridicularizá-lo, por defender o que é correto. Sei que, às vezes, você vai sentir-se muito sozinho. Estou-lhe escrevendo para

contar-lhe uma coisa que aprendi a respeito de desafios e da importância de sempre defender o que eu sei ser certo, não importando o que os outros possam pensar.

No verão passado, eu estava longe de casa, estudando em Manchester, Inglaterra. Tinha de tomar o ônibus até a cidade todos os dias. Depois tinha de andar vários quarteirões, passando pela pior parte da cidade para chegar à faculdade. Lembro-me de que a rua mais corrupta de todas ficava bem ao lado do meu ponto de ônibus. As paredes das lojas estavam cobertas de obscenidades, cartazes pornográficos e palavras vulgares. Havia vários bares

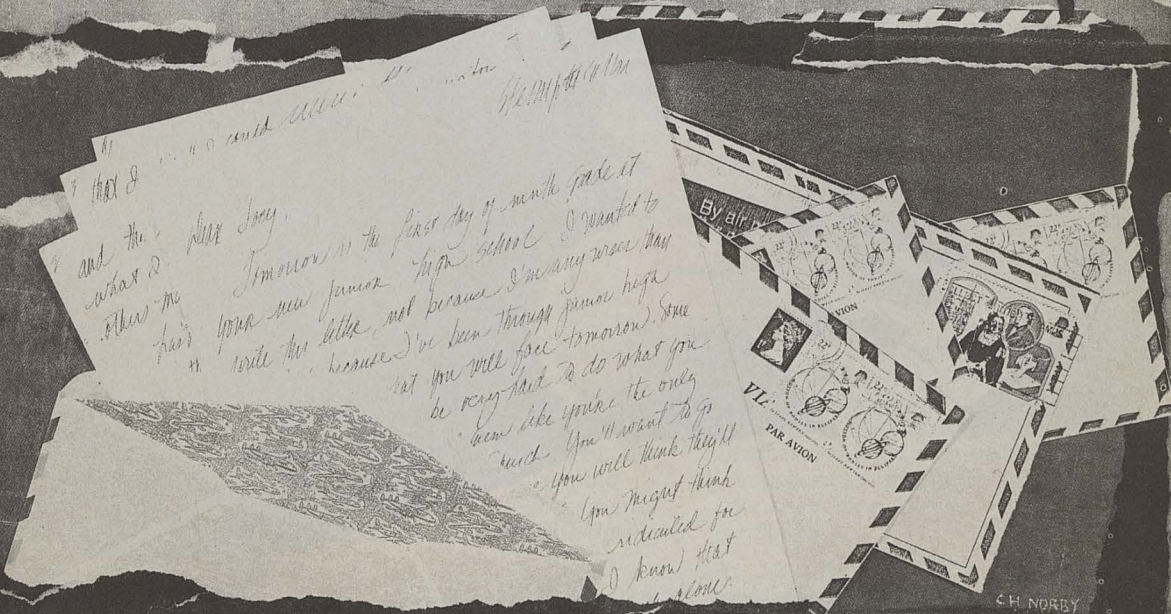
dos quais jorrava música alta, questionável, todas as vezes que as portas se abriam. As pessoas que estavam lá dentro gritavam coisas grosseiras para mim, quando eu passava. A primeira vez que passei pelo centro da cidade para ir à escola, desci do ônibus e fui diretamente por essa rua. Mais ou menos na metade do caminho, estava tão perturbada, ofendida e amedrontada, que achei não ser capaz de vencer o resto do caminho. Consegui, andando com os olhos tão fechados quanto possível, mas decidi, naquele momento, que nunca mais passaria por aquela rua.

Estando longe de casa e da família, tinha muitas coisas com

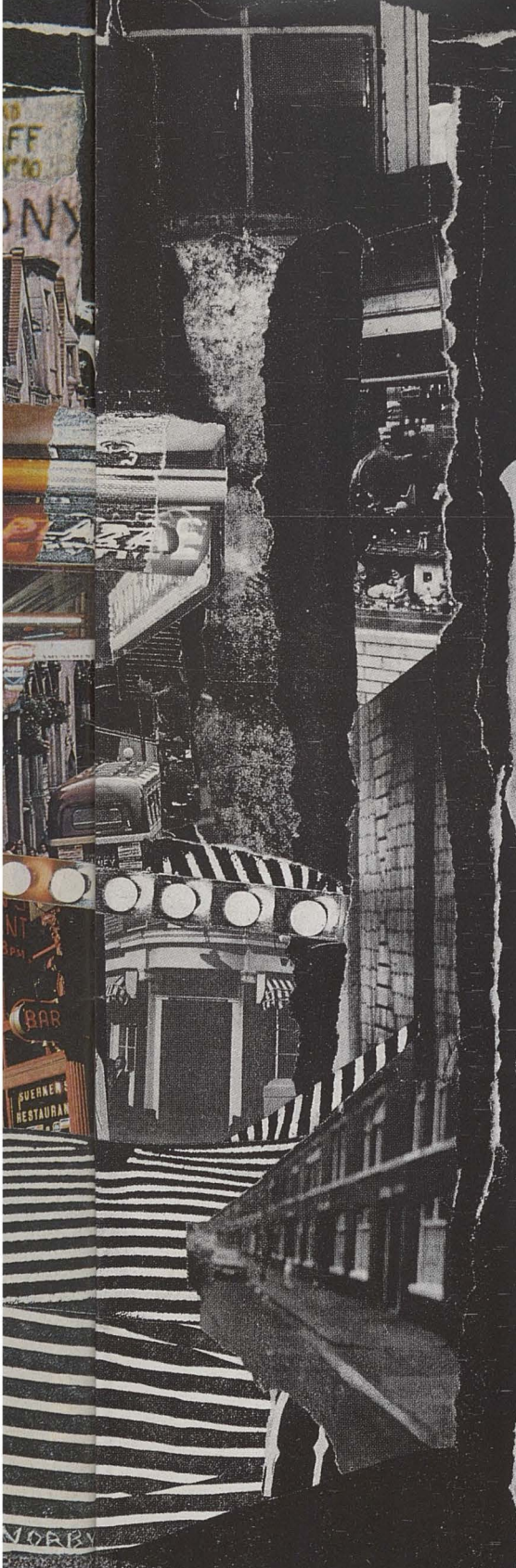
É SÓ ATRAVESSAR A RUA

Uma Carta para Meu Irmãozinho

Vivian Harmer







que me preocupar e mais tentações do que jamais poderia enumerar. Com certeza não precisava acrescentar essa rua às minhas preocupações. Assim, todos os dias, quando descia do ônibus para ir à escola, andava um quarteirão a mais para evitar aquela rua. As vezes, nas manhãs chuvosas, quando estava atrasada para uma aula que começava às oito horas, queria esquecer minha resolução e seguir o caminho mais curto. Mas sabia que me sentiria muito perturbada, se me expusesse a coisas impuras.

Atravessar a rua para seguir pelo caminho mais longo todas as manhãs tornou-se simplesmente um hábito. Depois de algum tempo, nem mesmo me lembrava por que estava fazendo aquilo. Então, certa tarde, um amigo meu, Bob, ofereceu-se para mostrar-me uma nova loja de discos perto do meu ponto de ônibus. Quando saímos da faculdade juntos, automaticamente atravessei a rua.

— Aonde você vai? — perguntou Bob.

Sem pensar, respondi: — Não posso passar por essa rua.

— Por que não? — riu-se ele.

Repentinamente, ouvi-me contando a história toda. Estava longe de casa e não queria voltar para minha família com muitos pensamentos impróprios em minha mente. Sentia-me pouco à vontade naquela rua.

Bob era vários anos mais velho que eu e conhecia mais os caminhos do mundo. Eu realmente esperava que ele voltasse a rir de mim, e sentia-me tola só por ter-lhe falado do que sentia.

Esperando seu riso, olhei para ele e encontrei uma expressão séria em seu rosto. Depois de alguns minutos de silêncio (muito constrangedores para mim), ele me disse que desejava

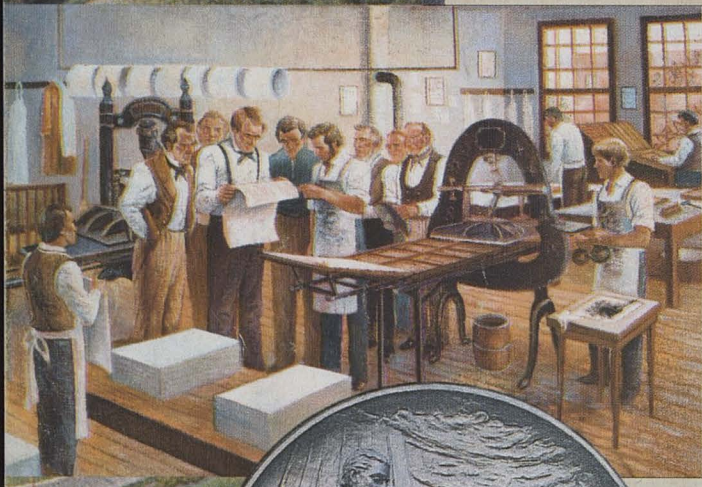
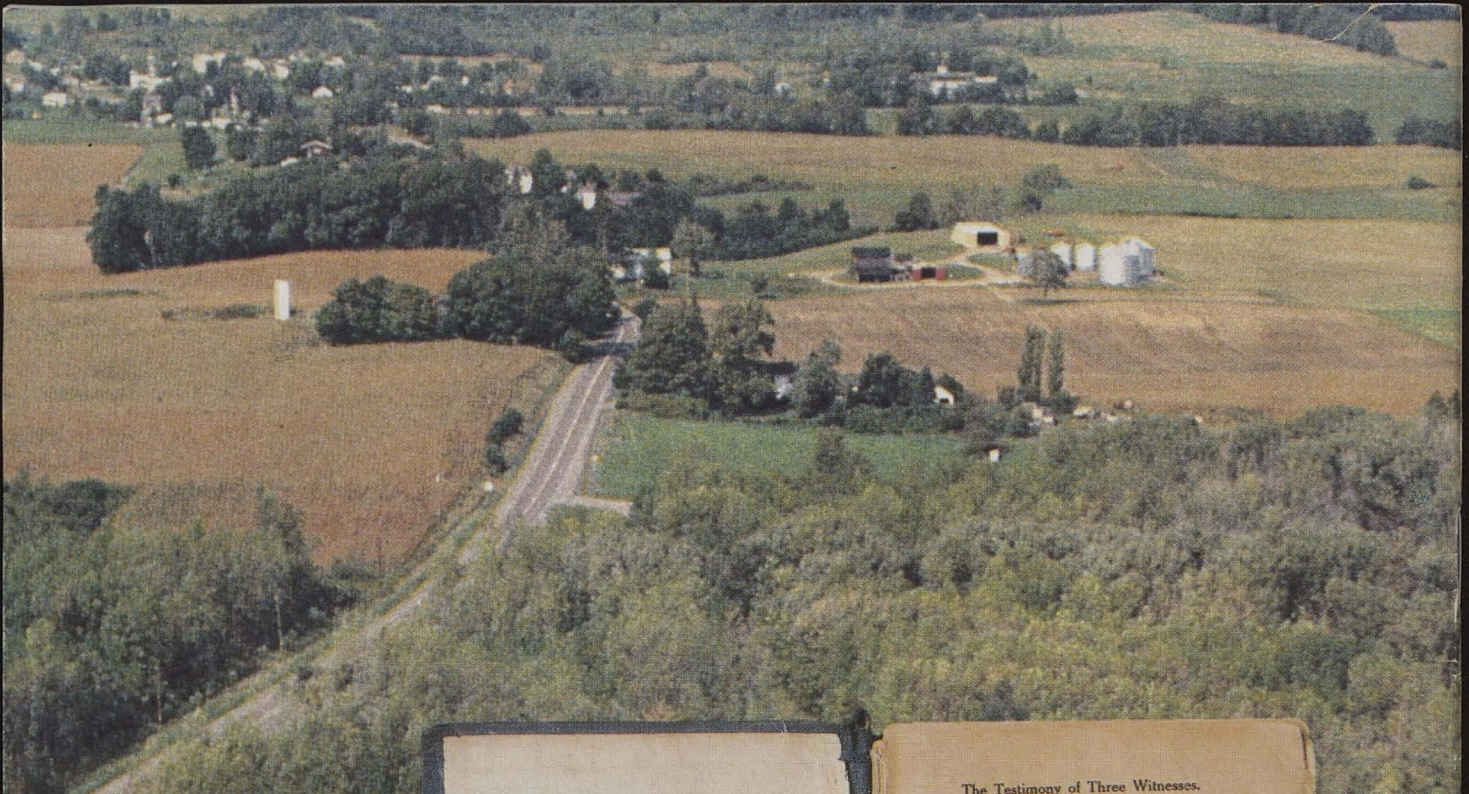
ter assumido um compromisso como eu, quando começou a freqüentar a escola.

— Desejaria ter atravessado algumas ruas, Vivian — disse-me. — Tenho vergonha de ir para casa e enfrentar minha família. Não posso encarar minha mãe depois de algumas coisas que fiz.

Ficamos em silêncio por mais alguns minutos, mas era um silêncio confortador agora. Então ele pegou-me pelo braço e atravessamos a rua juntos. Achemos nossa loja de discos num instante e tivemos oportunidade de uma conversa maravilhosa por causa do caminho que tomamos. Ele agora é um amigo que sempre prezarei.

Não precisei fazer um sermão sobre pureza moral e mental. Tudo o que fiz foi atravessar a rua, quando havia alguma coisa à qual eu não devia ser exposta no outro lado. Ele não zombou, nem criticou, nem me achou estranha. Fazendo o que eu sabia ser certo, na realidade conquistei o respeito e a amizade de Bob.

Joey, sei que haverá dificuldades na escola. Mas também sei que você nunca perderá o respeito de ninguém cujo respeito valha a pena, por defender o que sabe ser certo e bom. Além disso, a questão não é, realmente, o que seus companheiros e colegas de escola pensam de você, mas o que você pensa de si mesmo. Você se preocupa o suficiente consigo mesmo como filho de Deus, para atravessar a rua quando deve fazê-lo? Você vai sair da sala, quando um amigo contar uma piada imprópria ou uma história suja? Vai defender aquilo em que acredita? Se o fizer, sei que descobrirá que muitos, cuja admiração vale a pena ter, atravessarão a rua com você. □



JOSEPH RECEIVES THE PLATES

The Testimony of Three Witnesses.

Be it known unto all nations, kindreds, tongues, and people unto whom this work shall come, that we, through the grace of God the Father, and our Lord Jesus Christ, have seen the plates which contain this record, which is a record of the people of Nephi, and also of the Lamanites, their histories, and also of the people of Jared who came from the tower of which hath been spoken; and we also know that they have been translated by the gift and power of God, for his voice hath declared it unto us; wherefore we know of a surety that the work is true. And we also testify that we have seen the engravings which are upon the plates; and they have been shown unto us by the power of God, and not of man, from heaven, and he brought and laid before our eyes, that we beheld and now the plates, and the engravings thereon; and we know that it is by the grace of God the Father, and our Lord Jesus Christ, that we behold and bear record that these things are true, and it is marvelous should bear record of it, wherefore to be obedient unto the commandments of God, we bear testimony of these things. And we know that if men will be faithful in Christ, we shall rid our garments of the blood of all men, and be found spotless before the judgment-seat of Christ, and shall dwell with him eternally in the heavens. And the honor be to the Father, and to the Son, and to the Holy Ghost, which is one God. Amen.

OLIVER COWDERY,
DAVID WHITMER,
MARTIN HARRIS.

And also the Testimony of Eight Witnesses.

Be it known unto all nations, kindreds, tongues, and people unto whom this work shall come, that Joseph Smith, Jun., the translator of this work, has shown unto us the plates of which hath been spoken, which have the appearance of gold; and as many of the leaves as the said plates has translated, we did handle with our hands; and we also saw the engravings thereon, all of which has the appearance of ancient work, and of curious workmanship. And, when we have read with words of rebuke, and know of a surety that the said Smith has got the plates of which we have spoken. And we give our names unto the world, to witness unto the world that which we have seen, and we lie not, God bearing witness of it.

CHRISTIAN WHITMER, HIRSH PAGE,
JACOB WHITMER, JOSEPH SMITH, SR.,
PETER WHITMER, MURRAY SMITH,
JOHN WHITMER, NATHANIEL H. SMITH.

